



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NO  
JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO**

**EDUARDA GUILLON RIBEIRO DELORME**

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NO  
JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em Jornalismo.

**EDUARDA GUILLON RIBEIRO DELORME**

**Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini**

Rio de Janeiro

2024

# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

Delorme, Eduarda Guillon Ribeiro

D362p

Desafios enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo brasileiro / Eduarda Guillon Ribeiro Delorme.-- Rio de Janeiro, 2024.

52 f.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2024.

1. mercado de trabalho . 2. jornalismo esportivo. 3. feminismo. 4. gênero. I. Nóra Pacheco Latini, Gabriela, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Desafios enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo brasileiro**, elaborado por **Eduarda Guillon Ribeiro Delorme**.

Aprovado por

Assinado por:

*Gabriela Nóra*

3024D806C4E6488...

---

Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini

DocuSigned by:

*Cristiane Costa*

---

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

939520DEF0E04CF...

DocuSigned by:

*Flávio Nehrer*

EF84A7FB193D44C...

---

Prof. Dr. Flávio Nehrer

Grau: 9,5

Rio de Janeiro, no dia 15/07/2024

Rio de Janeiro

2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às pessoas que me deram todo o apoio necessário para que eu chegasse até aqui: meus pais Marina e Osmani. Sem vocês eu não seria nada. À Beatriz, minha companheira, confidente e maior inspiração. À vovó Lili, minha maior amiga e maior saudade, e à vovó Nina, por todo o amor que me deposita. Ao Bernardo, por compartilhar comigo a família e os conhecimentos jornalísticos. Ao Vinícius, por ser meu parceiro de todas as horas e todos os desabafos. Esses sabem mais do que ninguém o quanto esperei por esse momento.

À professora Gabriela, por todas as sugestões e melhorias que trouxe a esse trabalho e, especialmente, por toda a paciência que teve comigo durante esse longo processo. Agradeço por ter aceitado o convite de ser minha orientadora.

Aos meus amigos que tornaram a experiência da faculdade ainda mais incrível e prazerosa, especialmente ao Alexandre, Alcindo, Davi, Guilherme, Vinícius e à Luíza. Nunca vou esquecer todos os momentos que vivemos juntos na querida ECO.

Por fim, agradeço não só às jornalistas presentes nesse estudo, em especial à Bruna Dealtry por ceder um depoimento tão importante para esse resultado final, mas a todas que seguem firmes no jornalismo esportivo. Vocês revolucionam o mundo todos os dias. Obrigada por todo o esforço para pavimentar esse caminho que trilhamos e que antes parecia impossível.

DELORME, Eduarda Guillon Ribeiro. **Desafios enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo brasileiro**. Orientadora: Gabriela Nóra. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

## RESUMO

Este estudo busca analisar a luta das mulheres na conquista de espaço e respeito em uma profissão dominada pelos homens: o jornalismo esportivo. O processo de inserção no mercado de trabalho brasileiro é marcado pela desigualdade de gênero, em especial para áreas que são consideradas próprias para o sexo masculino. Apesar de algumas conquistas recentes, as mulheres sofrem diferentes tipos de discriminação na profissão. Este trabalho possui o objetivo de explicitar a importância de quebrarmos definitivamente os paradigmas que ainda cercam o debate sobre o lugar das mulheres no esporte. Ao mostrar as desigualdades ainda muito presentes no jornalismo esportivo entre os gêneros feminino e masculino, a intenção é dar voz a mulheres que enfrentam injustiças no ambiente de trabalho e fazer com que a participação feminina nesse ofício seja valorizada.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; gênero; feminismo; mercado de trabalho.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Jornal de 1965	31
<b>Figura 2</b> - Assédio à repórter Jéssica Dias	35
<b>Figura 3</b> - Assédio à repórter Bruna Dealtry	35
<b>Figura 4</b> - Desabafo de Bruna Dealtry	39
<b>Figura 5</b> - Comentários na postagem de Bruna Dealtry	40
<b>Figura 6</b> - Nota de repúdio do Vasco da Gama	40

## LISTA DE GRÁFICO

**Gráfico 1** - Número de ministros(as) ao longo dos governos pós-ditadura

9

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Profissões de maior vantagem salarial dos homens em relação às mulheres	13
<b>Tabela 2</b> - Profissões de maior vantagem salarial das mulheres em relação aos homens	13

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>1</b>
<b>2. A tardia inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro</b>	<b>6</b>
<b>3. A importância da luta feminista no combate à desigualdade de gênero</b>	<b>16</b>
3.1. O machismo estrutural e a objetificação da mulher	20
3.2. A opinião feminina sempre em questionamento	27
<b>4. O lugar da mulher nos esportes</b>	<b>31</b>
4.1. O esporte como “lugar de homem”	32
4.2. O assédio a jornalistas mulheres	35
<b>5. Considerações finais</b>	<b>44</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	<b>46</b>

## 1. Introdução

O esporte sempre fez parte da minha vida. Desde muito nova, acompanho as mais diversas modalidades pela televisão e, sempre que possível, coloco essas atividades em prática. Hoje faço aulas de futevôlei, mas também já fiz "escolinha" de vôlei, natação, muay thai e futebol, minha principal paixão. Nesse último, eu era a única menina entre vários garotos. O futebol acaba representando um dos esportes – se não o esporte – de território mais hostil para as mulheres. É o que mais possui o estereótipo de ser "para homem". Lembro bem que quando treinava, meu time participava de pelo menos dois campeonatos por ano. Eu nunca era colocada em campo. Os pais dos alunos, nas arquibancadas do clube onde os torneios aconteciam, por vezes pediam aos treinadores para me botarem em jogo. "Cadê a menina?" – atitude, inclusive, que me surpreendia. Nada mudava.

Quando comecei a ter que escolher uma profissão, juntei dois amores: por que não ser jornalista esportiva? Muitas das minhas melhores lembranças da época de faculdade estão ligadas ao esporte. Memórias e experiências incríveis quando puxei a eletiva de jornalismo esportivo, inclusive acompanhando jogos na área de imprensa do Maracanã. Nada mais justo do que ter como tema do meu trabalho de conclusão de curso a presença das mulheres nesse meio e os preconceitos por elas sofridos, que também vivenciei como "atleta" e, provavelmente, sofrerei como profissional.

O caminho percorrido pelas mulheres até os dias atuais é marcado pela luta por igualdade. No Brasil, muitos direitos do sexo feminino foram concedidos tardiamente, após uma longa busca por equidade e respeito, que ainda acontece diariamente. Para que hoje as mulheres tenham sua voz (um pouco mais) ouvida e liberdade para falar sobre suas vontades e escolhas, muitas conquistas feministas ocorreram ao longo dos anos. A estrutura patriarcal as colocou em uma posição de inferioridade que se perpetua até hoje e que, por muito tempo, as impediu de ter acesso a direitos econômicos, sociais e políticos.

Em uma breve retrospectiva, é importante lembrar que, no Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto somente em 1932. O sufrágio feminino foi garantido após a organização de movimentos feministas no início do século XX, influenciados pela luta das mulheres nos Estados Unidos e na Europa por direitos políticos. As mulheres pleiteavam o direito ao voto desde a Assembleia Constituinte de 1891. Aliado a isso, apenas na Constituição de 1988 elas passaram a ser vistas pela legislação brasileira com igualdade em

relação aos homens, sendo incluídas legalmente como cidadãs com os mesmos direitos e deveres.<sup>1</sup>

A entrada feminina no mercado de trabalho também foi prejudicada pela estrutura patriarcal vigente no nosso país. Foi somente no Brasil República, após a elaboração da Constituição de 1934, que as mulheres adquiriram seus primeiros direitos trabalhistas e passaram a exercer atividades não apenas domésticas. Isso ocorreu principalmente devido ao processo de industrialização do país, no qual as mesmas começaram a ser utilizadas como mão de obra nas fábricas e indústrias.<sup>2</sup> Ainda que a taxa de participação feminina tenha se elevado ao longo dos anos, ela continua muito abaixo da taxa de participação dos homens no Brasil. A discriminação de gênero torna-se evidente pela segregação ocupacional atribuída a homens e mulheres, que concede diferentes lugares e valores ao trabalho por eles realizado na atividade econômica.

No que diz respeito ao meio esportivo, o sexo feminino só ganhou o direito de praticar o futebol em 1979, assunto que será abordado no terceiro capítulo deste trabalho. Durante a Era Vargas, as mulheres não podiam praticar esportes incompatíveis com as “condições de sua natureza”. Segundo o decreto publicado na época, a prática feria a “natureza feminina” e com isso, de 1941 até 1979, atletas mulheres foram proibidas de praticar determinados esportes. Apesar da proibição, elas nunca pararam de jogar e continuaram a ocupar espaços em que o Estado não poderia interferir, a exemplo dos campos de várzea. A regulamentação do futebol feminino aconteceu em 1983, mas todo o contexto trouxe reflexos negativos no esporte que perduram até hoje, como o pouco incentivo ao futebol feminino e a falta de patrocinadores.<sup>3</sup> Mesmo com as dificuldades, a mulher sempre foi parte fundamental dos esportes, seja com sua presença nas arquibancadas, nas quadras, nos campos, ou nos meios de comunicação.

Apesar de termos presenciado alguns avanços em relação à presença feminina em determinados ambientes, a desigualdade entre os gêneros permanece visível em nossa sociedade. Não só vemos uma desvalorização em relação às atletas, mas também no que diz respeito às jornalistas que trabalham com a área esportiva. Como dito anteriormente, a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi bastante dificultada pelo comportamento patriarcal presente em nossa sociedade e, em profissões dominadas pelos homens, como é o

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>> Acesso em: 18 de novembro de 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://recolocariodoce.com.br/historia-mulheres-e-o-mercado-de-trabalho/>> Acesso em: 18 de novembro de 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>> Acesso em: 19 de novembro de 2022.

caso do jornalismo esportivo, essa luta é ainda mais difícil. As mudanças são tímidas, mas com o crescimento gradual da luta feminista, as mulheres buscam mostrar cada vez mais a sua relevância no âmbito profissional.

Ao analisarmos especificamente o futebol, o preconceito de gênero é ainda mais escancarado. Em 2022, pela primeira vez na história, tivemos uma mulher narrando uma Copa do Mundo na TV aberta. A jornalista Renata Silveira comandou a transmissão de alguns jogos da Copa do Mundo do Catar, pela Rede Globo.<sup>4</sup>

Além de ter menos oportunidades, quando observamos uma pessoa do sexo feminino trabalhando no jornalismo esportivo, geralmente seu papel fica em segundo plano. É muito comum, por exemplo, vermos mulheres mediando mesas redondas, nas quais somente os homens dão suas opiniões sobre determinado assunto esportivo, enquanto elas apresentam o programa. O número de mulheres narradoras, posição de maior destaque, também é consideravelmente menor que o de comentaristas, por exemplo.

Essa é a representação do papel secundário dado às mulheres na sociedade. O sexo feminino é colocado como “sombra” dos homens, como Simone de Beauvoir explicita em sua obra “O Segundo Sexo” (2000). “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. (BEAUVOIR, 2000, p.10). Desta maneira, Beauvoir explica que a mulher é colocada como o *Outro*, objeto inessencial perante o essencial, o *Absoluto*, o homem. Lançada originalmente em 1949, a obra é um marco da luta feminista e, infelizmente, ainda se mostra atual.

O estudo objetiva, então, analisar a presença da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, o que inclui a relação do sexo feminino com os esportes e todas as dificuldades presentes na tentativa de fazer parte desse meio. O trabalho visa conscientizar a todos sobre a importância de quebrarmos definitivamente os paradigmas que ainda cercam o assunto do projeto: o lugar das mulheres no esporte. Ao explicitar as desigualdades ainda extremamente presentes no meio esportivo entre os gêneros feminino e masculino, a intenção é fazer com que o caminho do sexo feminino em direção ao respeito e à valorização de seu trabalho se torne cada vez mais rápido. Estudos como esse podem dar voz a muitas mulheres do Brasil e do mundo que lutam por isso ou que, por medo de discriminação e retaliação, preferem se manter caladas frente à muitas injustiças.

---

<sup>4</sup>Disponível

<<https://www.mktesportivo.com/2022/05/renata-silveira-sera-a-primeira-mulher-a-narrar-copa-do-mundo-na-tv-aberta/>> Acesso em: 19 de novembro de 2022.

Em pleno século XXI, determinadas atitudes e pensamentos ainda propagados, são simplesmente inaceitáveis. Casos de racismo, homofobia e, no caso do estudo, machismo, se tornam cada dia mais antiquados e abominados. Injustiças e desigualdades entre os gêneros permanecem visíveis em nossa sociedade, e o sexo feminino busca mostrar cada vez mais a sua importância. A luta feminista cresce gradativamente. Certas atitudes no meio esportivo – e fora dele – não cabem mais.

As mudanças não devem ser tímidas. A mulher não pode ganhar menos espaço ou ficar em segundo plano. As pessoas e suas opiniões precisam ser respeitadas igualmente. A valorização dos profissionais, independentemente de qualquer coisa, deve ser igualitária. Assim, o estudo busca contribuir para que seja dado mais um passo rumo a todos esses objetivos. Para isso, será feita uma pesquisa histórica sobre o tema, com a intenção de mostrar como a presença da mulher nos meios esportivos cresceu ao longo dos anos, exemplificando esse fato ao escrever sobre narradoras, comentaristas e apresentadoras que conseguiram ganhar seu espaço na área. A tendência é de crescimento do número de pessoas do sexo feminino atuando nesse mercado, mas é importante lembrar da permanente disparidade e do fato desse número ainda ser muito pequeno perto do ideal.

O estudo de caso será usado para nos aprofundarmos em algumas situações específicas dentro do tema, argumentando a partir de casos reais. Também serão utilizadas entrevistas feitas com personagens que são exemplos do que está sendo tratado. Mulheres que conseguiram um emprego na área e um espaço com maior igualdade e respeito, mas que ainda sofrem com muitos preconceitos. Aliado a isso, foram abordadas as dificuldades que elas enfrentam no mercado. Já se sentiram diminuídas? Sofreram algum tipo de discriminação? Essa pesquisa, que traz questionamentos e depoimentos de pessoas relevantes ao objetivo do trabalho, pode dar voz a todos que estão nessa luta, fortalecendo-a.

Assim, com base na revisão bibliográfica de autores que dialogam com o tema deste estudo, buscaremos trazer um panorama sobre as condições impostas às mulheres ao longo da história, desde suas primeiras conquistas até os avanços observados atualmente. No capítulo inicial, o trabalho abordará, a partir dos estudos de Laís Abramo (2006) e Ana Barbosa (2014), a entrada tardia do sexo feminino no mercado de trabalho brasileiro, deixando finalmente de exercer apenas os trabalhos domésticos e conquistando determinados direitos, mesmo que muitas vezes eles não se apliquem na prática. Um grande exemplo disso é a diferença salarial em relação aos homens, que havia sido abolida, mas ainda é extremamente visível.

Tais avanços foram possíveis a partir do feminismo, que será tratado no segundo capítulo. Esse também colocará em pauta os comportamentos patriarcais persistentes, e todos os empecilhos que o machismo estrutural traz à tentativa de construir uma sociedade mais igualitária. A visão da mulher como objeto, menos capaz e inferior, que a coloca em posição de constante questionamento, será abordada nesse momento do trabalho. Para esse capítulo, utilizaremos os pensamentos de Judith Butler (2003), Simone de Beauvoir (2000) e Virginia Woolf (1985) como ponto de partida.

Por último, abordaremos obras de Fábio Franzini (2005), Ludmila Mourão (2000) e Victor Andrade de Melo (2007) para darmos foco à questão central da pesquisa: o espaço da mulher no jornalismo esportivo. Ao exibirmos as situações discriminatórias ainda presentes nesse mercado e o caminho que temos à frente, o objetivo é contribuir para que seja dado mais um passo rumo ao reconhecimento igualitário de todos os profissionais do meio.

## 2. A tardia inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro

Desde o nascimento, meninos e meninas sofrem imposições sobre qual atividade praticar, qual roupa vestir, qual atitude tomar. Uma das regras, anos atrás, era: homens estão aptos a usar sua força física para trabalhar; mulheres devem ficar em casa cuidando da família e dando conforto ao marido e ao(s) filho(s). Assim, o processo de inclusão das mulheres no mercado de trabalho no Brasil aconteceu de forma muito lenta e tardia. Foi somente na década de 1930 que elas conquistaram direitos como a igualdade salarial – que na prática não existe até os dias atuais – e a assistência médica durante a gravidez. Na Constituição de 1988, a isonomia das mulheres no mercado se tornou totalmente firmada pela lei.<sup>5</sup> Entretanto, o crescimento significativo da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro veio a acontecer pouco antes, na década de 1970, e representou uma das maiores transformações sociais do país. O período foi marcado por uma expansão da economia, devido à crescente urbanização e ao ritmo acelerado da industrialização, o que representava um momento favorável para a incorporação de novos trabalhadores, inclusive do sexo feminino. A sociedade brasileira passava por mudanças de ordem econômica, social e demográfica que influenciaram consideravelmente o nível e a composição interna da força de trabalho (BRUSCHINI, 1994).

Além disso, a oferta de trabalhadoras foi facilitada pelas profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher, intensificadas pelo impacto dos movimentos feministas e pela presença feminina cada vez mais atuante nos espaços públicos. Durante a década de 1980, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho persiste, principalmente nas regiões urbanas. Em 1990, o número de trabalhadoras brasileiras quase atinge a cifra dos 23 milhões, dos quais 18 milhões se concentravam nas cidades. Enquanto a atividade masculina manteve taxas estáveis de participação, a feminina mostrava um constante aumento de incorporação ao mercado de trabalho, como indicavam as taxas de atividade e o percentual de mulheres no conjunto de trabalhadores (BRUSCHINI, 1994).

Dessa forma, as mulheres foram se tornando cada vez mais presentes na economia brasileira. Em 1973, apenas 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil era do sexo feminino. Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio

---

<sup>5</sup>Disponível

em:<

(PNAD), em 1999, elas já representavam 41,4% do total da força de trabalho. Quatro anos depois, nos anos 2000, mais 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado de trabalho, aumentando a participação em 1,1 pontos percentuais.<sup>6</sup> Ao observarmos os números mais recentes, esse avanço fica ainda mais perceptível. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), menos de 14% das mulheres tinham emprego nos anos 1950, e o censo de 2010 mostra que esse número passou para 49,9%. No entanto, a quantidade de mulheres empregadas ainda é bem menor quando comparada a de homens, cuja participação caiu. Passou de 80,8% em 1950 para 67,1% em 2010.

A mulher tem tido êxito no aumento de sua participação na atividade econômica, embora muitas vezes isto signifique uma dupla jornada de trabalho, na medida em que continuam responsáveis pelos afazeres domésticos. No Brasil, em particular, tem crescido, principalmente, a participação das mulheres casadas e com filhos. (BALTAR; LEONE, 2008, p.235)

Os números indicam um avanço incontestável, mas a desigualdade segue gritante. Os esforços femininos na busca de uma inclusão social igualitária são antigos e, apesar das melhorias, continuam vivos. A conquista de espaço no mercado de trabalho é apenas uma das lutas que as mulheres enfrentam constantemente. As desigualdades de gênero que caracterizam essa área e a sociedade brasileira podem ser evidenciadas por diversos estudos, e também abrangem outras questões. Para Abramo (2006), apesar dos avanços observados nos últimos anos, essa diferença segue presente tanto em relação ao gênero, quanto ao estrato social no qual aquela pessoa se encontra.

A taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro continua aumentando, mas ainda está marcada por uma forte diferença em relação à taxa de participação dos homens. A taxa de participação das mulheres mais pobres e com menos escolaridade ainda é muito inferior à taxa de participação das mulheres mais escolarizadas, o que indica a existência de diferenças importantes entre as mulheres relacionadas aos diferentes estratos de renda aos quais elas pertencem, e a dificuldade adicional de inserção das mulheres pobres no mercado de trabalho. (ABRAMO, 2006, p.40).

A desigualdade se estende também ao salário e às funções atribuídas aos sexos feminino e masculino. Os rendimentos das mulheres são sistematicamente inferiores aos dos homens, mesmo quando os níveis de escolaridade são similares. Por hora trabalhada, as

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/>> Acesso em: 17 de novembro de 2022.

mulheres recebem, em média, 79% da remuneração média dos homens, ou seja, 21% a menos (ABRAMO, 2006). Aliado a isso, as ocupações precárias, informais e de baixa qualidade sobre o total do emprego no Brasil seria de 57%, uma porcentagem bastante significativa. E esse número também representa uma importante diferença de gênero: enquanto a proporção de ocupações informais e precárias sobre o total do emprego masculino era de 54%, para as mulheres essa cifra era de 61%. Dessa forma, uma grande proporção da ocupação feminina se concentra nos segmentos mais precários do mercado de trabalho: trabalhadores por conta própria, serviço doméstico e ocupados sem remuneração.

A porcentagem de mulheres ocupadas no serviço doméstico (18%) está entre as mais altas entre os países latino-americanos. Se somamos a isso a porcentagem de ocupadas sem remuneração (15%), chegamos a uma cifra de 33%. Isso significa que um terço das mulheres que trabalham no Brasil ou não recebem nenhuma remuneração pelo seu trabalho ou estão ocupadas no serviço doméstico. (ABRAMO, 2006, p.41).

Como mostrado no trecho acima, as tarefas domésticas e as ocupações menos notórias seguem muito atreladas às mulheres. Isso pode ser explicado pelo fato de que o gênero marca as oportunidades dos indivíduos no mercado de trabalho, criando restrições às mulheres para ocupar postos de maior prestígio social, limitando suas possibilidades de mobilidade e reforçando a disparidade de remunerações entre homens e mulheres (BALTAR; LEONE, 2008).

Segundo o levantamento Estatísticas de Gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres, embora mais instruídas que os homens, ainda têm dificuldades de acessar cargos de chefia e gerência no mercado de trabalho. Apenas 37,4% dos postos de comando existentes, em 2019, eram delas. Isso mostra que as mulheres estão ainda mais sub-representadas em cargos gerenciais mais bem pagos e com mais atribuições. Naquele ano, receberam 77,7% do rendimento dos homens.<sup>7</sup> Devido à segregação ocupacional, as mulheres se concentram em poucos setores econômicos. Como mencionado, estão principalmente no de serviços, em ocupações pior remuneradas e de menor nível de responsabilidade (BALTAR; LEONE, 2008).

As mulheres têm feito seu papel: o esforço para conseguir ocupar os espaços, que são de seu direito, é constante e inesgotável. As vitórias são todas graças a elas. Algumas mudanças recentes reforçam os avanços. O atual governo do presidente Luiz Inácio Lula da

---

<sup>7</sup>Disponível

em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910779-o-espaco-e-delas-mulheres-que-atuam-em-profissoes-com-maioria-masculina-relatam-desafios.html>> Acesso em: 17 de novembro de 2022.

Silva (2023-2026) se iniciou com 11 ministras, registrando o maior número de mulheres a ocupar o cargo em uma gestão no país<sup>8</sup>. Entre as escolhidas estavam nomes conhecidos do povo brasileiro, como a ex-senadora do Mato Grosso do Sul, Simone Tebet, que também concorreu para o cargo de Presidente da República no primeiro turno das eleições de 2022; Marina Silva, ex-senadora e ex-deputada federal de São Paulo; e a cantora baiana Margareth Menezes. Elas assumiram, respectivamente, os ministérios do Planejamento e Orçamento, do Meio Ambiente, e da Cultura.

Outras oito pastas registravam mulheres como responsáveis, incluindo o Ministério da Saúde, de Ciência e Tecnologia e, também, o Ministério do Esporte, que passou a ser comandado pela ex-jogadora de vôlei Ana Moser. Atualmente, o cenário é um pouco diferente: Moser e Daniela Carneiro, que estava à frente da pasta do Turismo, foram retiradas de seus cargos, dando lugar a dois outros ministros, ambos homens. Porém, ter uma mulher comandando o Ministério do Esporte foi um marco muito importante, já que Moser se tornou a primeira a ocupar a pasta em quase 25 anos de existência<sup>9</sup>. Segundo Coelho (2013), até o início dos anos 1970, era quase impossível ver mulheres no esporte – seja como atleta, jornalista, e menos ainda como ministra.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do *Jornal do Brasil*, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar os relatos. (COELHO, 2013, p. 35, grifos do autor).

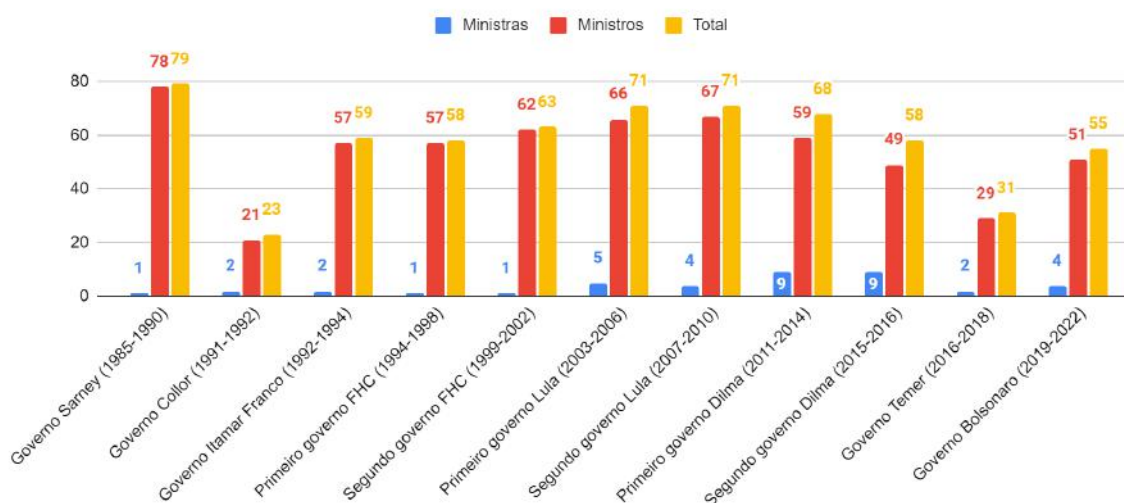
Desde o período da redemocratização, pós-ditadura (1964-1985), apenas 38 mulheres foram nomeadas como ministras de Estado ou secretárias. Número infinitamente menor ao de homens que assumem o mesmo posto. No gráfico abaixo, de elaboração própria, podemos perceber tal discrepância.

---

<sup>8</sup>Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2022/12/com-11-ministras-governo-lula-tera-o-maior-numero-d-e-mulheres-no-cargo-cle9dxzgh00340181odzytbb7.html>> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

<sup>9</sup>Disponível em: <<https://tvbrasil.etc.com.br/brasil-em-dia/2023/01/ana-moser-e-primeira-mulher-ministra-dos-esportes#:~:text=Ana%20Moser%20%C3%A9%20a%20primeira,em%20Dia%20%7C%20TV%20Brasil%20%7C%20Not%C3%ADcias>> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

**Gráfico 1: Número de ministros(as) ao longo dos governos pós-ditadura<sup>10 11</sup>**



Além disso, o atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad, anunciou no dia 30 de dezembro de 2022 que duas mulheres passariam a presidir os principais bancos públicos do país: o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal<sup>12</sup>. Antes de serem anunciadas, ambas eram funcionárias das instituições. A Caixa será comandada por Maria Rita Serrano e o Banco do Brasil vai ser assumido por Tarciana Medeiros. Serrano é a quinta mulher a assumir a Caixa em 162 anos de instituição, enquanto Medeiros é a primeira a presidir o Banco do Brasil desde a sua fundação, em 1808. Porém, ainda é preciso caminhar muito para alcançar um patamar ideal.

(...) a ampliação e a consolidação da participação plena das mulheres na atividade econômica vêm ocorrendo num processo lento e adverso, devido, de um lado, às limitações da recuperação do mercado de trabalho – consequência das restrições ao crescimento da economia e das dificuldades enfrentadas pela regulação pública do trabalho – e, de outro, às dificuldades na evolução da redefinição dos papéis masculino e feminino nas esferas doméstica e extradoméstica. (BALTAR; LEONE, 2008, p.247)

A crescente presença das mulheres no mercado de trabalho nos últimos cinquenta anos pode ser explicada por uma combinação de fatores econômicos e culturais. O avanço da

<sup>10</sup> Números não incluem ministros(as) interinos(as). Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2022/12/com-11-ministras-governo-lula-tera-o-maior-numero-d-e-mulheres-no-cargo-cle9dxzgh00340181odzytbb7.html>> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

<sup>11</sup>O gráfico não inclui os dados do atual governo por ele ainda estar em andamento. Até a publicação deste trabalho, o número total de ministras que passaram pelo governo Lula (2023-2026) foi de 11.

<sup>12</sup>Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-12/haddad-anuncia-duas-mulheres-para-presidir-banco-do-brasil-e-caixa>> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

industrialização transformou a estrutura produtiva, deu continuidade ao processo de urbanização e gerou a queda das taxas de fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades de as mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade (BAYLÃO apud SILVA; SANTOS; TEIXEIRA, 2005). Com a chegada do século XXI, as inovações tecnológicas, o capitalismo e a globalização também propiciaram a impulsão e especialização das mulheres para o mercado de trabalho. Esse crescimento significativo da taxa de atividade feminina no Brasil nas últimas décadas é apontado por Ana Barbosa no artigo “Participação Feminina no Mercado de Trabalho Brasileiro” (2014).

(...) a taxa de participação das mulheres, entre 15 e 59 anos de idade, aumentou de 52,5% (em 1992), para 61% (em 2012). A taxa de participação masculina, ainda que bem mais alta do que a das mulheres, sofreu uma redução ao longo de todo o período. Enquanto que em 1992, a taxa de participação dos homens, entre 15 e 59 anos, foi de 89%, essa mesma taxa alcançou 83% em 2012. (BARBOSA, 2014, p.31-32)

Hoje, podemos acompanhar cada dia mais nas lideranças de grandes empresas e em profissões técnicas mulheres ganhando espaços (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014). De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, 37,4% dos cargos gerenciais são ocupados por mulheres no Brasil.<sup>13</sup> O número ainda é baixo, mas representa mudanças antes inimagináveis. Homens e mulheres são substitutos perfeitos no processo produtivo e, por isso, quaisquer diferenças de tratamento entre eles podem ser chamadas de discriminação (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014). E esse preconceito influencia basicamente todos os tópicos que dificultam a inserção do sexo feminino no meio laboral.

A diferença na forma de inserção de mulheres e homens com mesmas características produtivas no mercado de trabalho pode ocorrer por três motivos. Primeiramente, o custo de oportunidade do tempo utilizado para trabalhar pode diferir para homens e mulheres. Este é o caso se, por restrições socioculturais, biológicas ou de preferências, homens e mulheres valorarem de modo distinto a parcela de seu tempo gasta em atividades não-laborais. O segundo ponto seria nas diferenças salariais entre homens e mulheres, que podem ser fruto de discriminação pura e simples. Por fim, as mãos-de-obra podem ser analisadas e interpretadas pelas firmas como diferentes fatores de produção. Nesse caso, a produtividade e a quantidade demandada de homens e mulheres com idêntico estoque de capital humano podem diferir segundo o grau de complementação entre um e outro e com os demais fatores de produção. Este argumento é controverso, porquanto possa ser interpretado como sexista. (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p.7-8)

---

<sup>13</sup>Disponível

<<https://www.istoedinheiro.com.br/mulheres-ocupam-so-374-dos-cargos-gerenciais-do-brasil-media-mundial-e-pior/>> Acesso em: 21 de novembro de 2022.

A dificuldade sofrida pelo sexo feminino para entrar no mercado de trabalho deixa claro também como seria ainda mais complicado ocupar atividades dominadas pelos homens. A conquista desses direitos, proveniente de toda a luta feminista, faz com que hoje possamos ver as mulheres saindo cada vez mais do papel de donas de casa e ganhando cargos em profissões antes majoritariamente masculinas. Depois da Revolução Industrial, a mulher deixou o espaço privado (casa, marido, filhos) e passou a ocupar o espaço público, assumindo uma profissão (D'ALONSO, 2008). Ela parou de ser esposa e mãe somente, para ser, também, operária, enfermeira, professora, e com o passar do tempo, arquiteta, juíza, motorista de ônibus e outras (D'ALONSO, 2008).

Ao analisarmos determinadas áreas historicamente preenchidas pelo trabalho masculino, podemos ver mulheres ganhando força. Na aeronáutica, por exemplo, mulheres eram profissionais raras, mas hoje atuam em praticamente todos os setores, sendo pilotos ou comandantes de organizações militares. Segundo a Força Aérea Brasileira (FAB), desde o ano de 2003, a participação das mulheres aumentou em 277%, e elas já equivalem a 14,55% do efetivo atual de militares<sup>14</sup>.

Entretanto, a discrepância entre o número de mulheres e homens atuando em certas profissões ainda é persistente. Na política, os cargos seguem sendo ocupados em sua maioria pelo sexo masculino. Em 2018, as eleições gerais tiveram 1.534 pedidos de candidatura, contabilizando 84,6% de homens e 15,4% de mulheres. Dos aeronautas brasileiros, 78,45% são homens (28.658) e 21,55% são mulheres (7.873). Apenas 0,5% dos caminhoneiros são do sexo feminino. Na medicina, quando falamos de maneira geral, o número de homens e mulheres é mais semelhante. Segundo dados de novembro de 2020, do total de médicos no Brasil, 53,4% eram homens e 46,6% mulheres. E essa diferença vem diminuindo ano a ano. Porém, em algumas especialidades, o domínio é totalmente masculino. Na neurocirurgia, 91,2% dos profissionais são homens, por exemplo.<sup>15</sup>

Além da medicina, outras carreiras nas quais a presença masculina já foi majoritária vêm sendo preenchidas por profissionais do sexo feminino. Na década de 2010, 54% dos empregos para jornalistas, 44% dos empregos para médicos e 51% dos empregos para profissões jurídicas eram ocupados por mulheres, dados que mostram esse avanço. Entretanto, em algumas profissões, a diferença ainda é enorme. No mesmo período, somente 18% dos

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://blog.imagine.com.br/mulheres-atuando-em-profissoes/>> Acesso em 21 de novembro de 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910779-o-espaco-e-delas-mulheres-que-atuam-em-profissoes-com-maioria-masculina-relatam-desafios.html>> Acesso em: 21 de novembro de 2022.

postos de trabalho para engenheiros eram destinados a elas, por exemplo. A feminização nesta profissão tem acontecido de forma menos intensa e mais lenta do que nas demais, continuando a ser um nicho masculino de trabalho (LOMBARDI, 2017). E essa dificuldade está ligada a características que envolvem a área desde sua criação.

Silva (1992) situa alguns pontos que poderiam explicar, historicamente, a masculinização das engenharias. No Brasil, elas estiveram associadas, a princípio, a escolas militares, e o acesso de civis só ocorreu a partir da metade do século XIX. A modalidade militar significa uma recusa formal à entrada de mulheres na profissão — a engenharia militar significava a preparação de homens para postos de comando como oficiais. Além disso, a característica de comando de equipes de trabalhadores permaneceu na engenharia civil, mesmo quando sua origem militar já havia sido esquecida, tornando-se mais uma razão para afastar as mulheres da profissão. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999, p.88)

Dentre as chamadas profissões imperiais, que incluem medicina, advocacia e engenharia, a última é a que mais apresenta um ambiente discriminatório para as mulheres, como vimos acima. Além de ter uma difícil entrada na área, as mulheres sofrem com a diferença de direitos dentro da profissão. As pessoas do sexo feminino presentes nesse campo têm salários muito inferiores aos dos homens. É a ocupação de maior discrepância nesse quesito (MADALOZZO; ARTES, 2017).

O diferencial médio de salários por hora entre homens e mulheres é de 7,9% para profissionais do direito, 28,1% para medicina e chega a 67,7% na engenharia. (...) o resultado de maior diferencial de salários entre homens e mulheres para uma profissão das ciências exatas (engenharia) pode ser um bom indicador das motivações para as mulheres não escolherem com maior frequência essa profissão. (MADALOZZO; ARTES, 2017, p.8)

Uma pesquisa realizada pelo Banco Nacional de Empregos (BNE) no seu sistema de vagas, no início de 2022, mostrou os cargos que apresentam maior diferença salarial entre os gêneros<sup>16</sup>. A primeira tabela mostra as porcentagens que representam a vantagem salarial dos homens sobre as mulheres. Na segunda, que diz respeito às profissões nas quais as mulheres ganham mais que os homens, fica visível como a vantagem a favor delas é muito inferior.

---

<sup>16</sup>Disponível

em: <<https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/04/20/pesquisa-mostra-os-cargos-com-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres.ghtml>> Acesso em: 21 de novembro de 2022.

**Tabela 1: Profissões de maior vantagem salarial dos homens em relação às mulheres**

Profissão	Porcentagem
1. Desenvolvedor(a) Front-end	63,2%
2. Técnico(a) Administrativo	58%
3. Gerente Geral	57,9%
4. Supervisor(a) de Produção	56,3%
5. Supervisor(a) de Vendas	43,4%
6. Auxiliar de Manutenção	41,7%
7. Engenheiro(a) Civil	38,6%
8. Gerente de Projetos	36%
9. Analista de Qualidade	35,8%
10. Comprador(a)	31,2%

Fonte: BNE<sup>17</sup>**Tabela 2: Profissões de maior vantagem salarial das mulheres em relação aos homens**

1. Designer Gráfico	7,56%
2. Analista Financeiro	6,83%
3. Coordenador(a) de RH	5,79%
4. Farmacêutico(a)	4,87%
5. Psicólogo(a)	4,87%
6. Analista de Faturamento	3,46%
7. Recepcionista	2,41%
8. Telemarketing	1,57%
9. Auxiliar Administrativo	0,58%
10. Auxiliar de Marketing	0,46%

Fonte: BNE<sup>18</sup><sup>17</sup>Disponívelem: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/04/20/pesquisa-mostra-os-cargos-com-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres.ghtml> > Acesso em: 21 de novembro de 2022.<sup>18</sup>Disponívelem: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/04/20/pesquisa-mostra-os-cargos-com-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres.ghtml> > Acesso em: 21 de novembro de 2022.

Quanto mais “masculinizado” é um ambiente, maior a repulsa à presença das mulheres naquele meio. Ainda mais difícil é vê-las ocupando cargos em profissões que estão inseridas nesse contexto. O jornalismo esportivo, tema central deste estudo, é um ótimo exemplo dessa problemática. Em 2011, uma pesquisa do Monitoramento Global de Mídia, que avaliou 18 mil notícias esportivas publicadas em 23 países, mostra que apenas 11% desse conteúdo foi escrito por mulheres. Em 2016, a revista *Gênero e Número* avaliou colunas esportivas dos dez jornais de maior circulação dos estados brasileiros e dos líderes de audiência e mostrou que menos de 10% dessas colunas eram assinadas por elas.<sup>19</sup>

Os esportes sempre foram considerados próprios para os homens, seja como atleta ou como jornalista. Na nossa sociedade, o conhecimento sobre esse assunto é definido por gênero e, assim, existe a mentalidade de que as mulheres não deveriam opinar sobre algo que não as pertence. Décadas depois, o jornalismo esportivo segue sendo palco para inúmeros preconceitos, incluindo o racismo, a homofobia e, como destacado, o sexismo. Mesmo que as visões sobre a posição de homens e mulheres na sociedade tenham mudado muito ao longo dos anos, o pensamento machista faz parte da nossa formação enquanto grupo social. E desconstruir ideias já consolidadas não é tarefa fácil.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://webjornalismo.unicap.br/machismonoesporte/midia-nos-esportes-femininos/>> Acesso em: 21 de novembro de 2022.

### 3. A importância da luta feminista no combate à desigualdade de gênero

Se hoje as mulheres conseguem ter um papel mais ativo na sociedade, esse avanço é resultado de uma longa e cansativa jornada que está longe de acabar. A luta feminista possibilitou que muitas mudanças ocorressem ao longo dos anos, e é nesse movimento que iremos focar nesse capítulo. A filósofa Judith Butler, em “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), explica a importância da criação de tal movimento, que se tonifica na Inglaterra ao longo do século XIX, passando depois para os Estados Unidos a partir do século XX.<sup>20</sup>

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2003, p.18)

O panorama histórico no Brasil em relação à presença das mulheres no corpo social reafirma o trecho acima. Sem a mobilização feminina, elas possivelmente ocupariam ainda menos espaços do que percebemos atualmente. Inicialmente, no período do Brasil Colônia (1500-1822), as mulheres buscavam direitos básicos aos quais elas não tinham acesso: vida política, educação, e a inclusão no mercado de trabalho. À época, a visão patriarcal era extremamente forte e consolidada, e o sexo feminino era percebido como posse de seus irmãos, pais, maridos, ou qualquer que fosse o chefe da família. Por isso, pouco foi conquistado naquele momento<sup>21</sup>.

Durante o Império (1822-1889), o direito à educação das mulheres foi reconhecido. Em 1907 e em 1917, com a realização de greves que exigiam a regularização do trabalho feminino, jornada de oito horas e a abolição do trabalho noturno para as mulheres, algumas mudanças começam a ocorrer no mercado de trabalho. O início do século XX foi marcado pelo retorno de algumas discussões sobre a participação das mulheres na política no Brasil. Em 1932, no governo Getúlio Vargas, o sufrágio feminino é “garantido”, desde que as mulheres fossem casadas e tivessem autorização dos maridos para votar. O direito também era concedido às viúvas com “renda própria”. Somente em 1965, com o Código Eleitoral atual, é

---

<sup>20</sup>Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm#:~:text=O%20movimento%20feminista%20ganhou%20for%C3%A7a,de%20trabalho%20nas%20ind%C3%BAstrias%20inglesas.>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-das-mulheres-no-brasil/>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

que a distinção de gênero foi abolida, e homens e mulheres passaram a ser iguais diante das urnas. No período que antecede o Estado Novo, as feministas conseguiram ganhar espaço para divulgar suas ideias em reuniões, jornais, e explicativos, mas, durante a ditadura militar, o movimento perdeu bastante força.<sup>22</sup>

Apesar disso, a partir da década de 1960, a luta feminista incorporou questões que demandam atenção e se mantêm até os dias de hoje. E elas não se estendem somente aos tópicos que cercam a igualdade de gênero, mas à condição da mulher, como a proteção do sexo feminino contra a violência doméstica, o apoio em casos de assédio, o acesso a cuidados em relação à saúde das mulheres, entre tantas outras pautas.

Um dos principais objetivos do feminismo é extinguir atitudes que explicitam o machismo na sua forma mais latente. Situações de abusos e estupros, muitas vezes, são justificadas com condutas da própria vítima: a mulher. A “culpa”, então, já não é do agressor. Roupas curtas ou atos “provocativos” são comumente usados como argumentos para justificar tais ações. O movimento também busca conscientizar as mulheres para o fato de que as agressões podem ser feitas por pessoas muito próximas, como os próprios parceiros, e de maneira velada, sem a presença da violência física.

As investigações feministas no que tange a questões específicas começaram com um amplo desmascaramento das atitudes que legitimam e escondem a condição de mulher, o envelope ideacional que contém o corpo feminino: noções de que as mulheres desejam e provocam o estupro, que as experiências de incesto das meninas são fantasias, que as mulheres profissionais causam intrigas e se promovem valendo-se de sua sexualidade, que as prostitutas são lascivas, que a violência doméstica expressa a intensidade do amor. Por trás de cada uma dessas ideias se revelaram a mera coerção e amplas conexões com a definição social da mulher como sexo. (MACKINNON, 2016, p.819)

Há muito tempo, o feminismo busca também apagar a visão de que as mulheres vivem com o propósito de satisfazer os homens, sendo reduzidas às vontades deles. Os desejos sexuais femininos seriam baseados, na verdade, no objetivo de agradar o sexo masculino. A mulher é um ser identificado como uma pessoa cuja sexualidade existe para outra pessoa – o homem. Como Catharine Mackinnon (2016) explica, a sexualidade da mulher é resumida na capacidade de despertar o desejo naquele outro, tornando-se assim um dos fatores determinantes para o preconceito de gênero.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/movimento-feminista/>> Acesso em: 19 de novembro de 2022.

A sexualidade é, então, uma forma de poder. O gênero, como algo socialmente construído, a encarna, não o contrário. As mulheres e os homens estão divididos por gênero, constituídos nos sexos como nós os conhecemos, pelas exigências sociais da heterossexualidade, que institucionaliza a dominação sexual masculina e a submissão sexual feminina. Se isso é verdade, a sexualidade é o alicerce da desigualdade de gênero. (MACKINNON, 2016, p.824)

Importante lembrar também que esse movimento passou por um caminho de muitas fases para que o panorama atual de maior luta e igualdade pudesse existir. As chamadas ondas feministas representam cada um desses momentos na História do feminismo.

A primeira onda feminista teve início no final do século XIX. As mulheres buscavam os princípios incorporados pela Revolução Francesa, de liberdade, igualdade e fraternidade, visto que eles eram aplicados apenas aos homens. Além disso, também era almejada a conquista de igualdade jurídica, como o direito ao voto e os critérios a casamentos arranjados, com uma relação mais proporcional e equilibrada no casamento.<sup>23</sup>

Já a segunda onda do feminismo se inicia na década de 1960 e vai até a década de 1980. Naquele momento, as mulheres já haviam adquirido direitos legais e políticos na maior parte dos países, mas na prática ainda não tinham atingido a igualdade pela qual elas lutavam. Desta maneira, nesse segundo momento do movimento feminista, as mulheres buscam trazer questionamentos sobre o objetivo de ser mulher e sobre a sua subordinação no cotidiano, buscando por uma nova forma de concepção sobre liberdade e igualdade.<sup>24</sup>

A terceira onda do feminismo acontece a partir de 1990 e se inicia por conta das divergências entre as mulheres e seus objetivos. Essa onda busca o rompimento da mulher sobre um grupo único que luta contra as mesmas injustiças e parte do mesmo lugar, tentando pleitear e mostrar as diferenças de raça, classe e região. Essa onda fortalece os movimentos negros e homossexuais, por exemplo.<sup>25</sup>

Com a popularização da internet e sua ocupação por feministas, ocorre uma massificação do debate acerca das ideias do movimento, o que contribuiu para um fortalecimento da identidade feminista. Esse contexto caracteriza a quarta onda feminista.<sup>26</sup>

Após entrarmos em mais detalhes sobre a luta feminista e a conquista de espaços possibilitada por ela, mais especificamente nas profissões, o seguimento do capítulo visa se aprofundar em tópicos indispensáveis para o trabalho: o machismo estrutural, a objetificação da mulher e suas consequências cotidianas. O sexo feminino sempre foi colocado em posição

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminismo/>> Acesso em: 30 de maio de 2024.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminismo/>> Acesso em: 30 de maio de 2024.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminismo/>> Acesso em: 30 de maio de 2024.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/quarta-onda-do-feminismo/>> Acesso em: 30 de maio de 2024.

de inferioridade, especialmente nos meios considerados próprios para a presença masculina, a exemplo dos esportes. E tal mentalidade continua a refletir nos comportamentos atuais, como veremos mais adiante.

Esse contexto perpetua a ideia da dominação masculina, que acontece não só na área das atividades desportivas, ainda dominadas pelos homens, mas na sociedade como um todo. O sexo feminino é colocado em uma posição secundária, representada pela fragilidade e delicadeza. Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2017), a mulher é colocada em uma posição de passividade.

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a *do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento*, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU, 2017, p.66, grifos do autor)

Segundo Bourdieu (2017), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2017, p.57). Dessa forma, as próprias mulheres podem exercer uma espécie de autodepreciação, aderindo à imagem desvalorizadora do sexo feminino. Assim, a comunidade é moldada a partir da prioridade dada aos homens e seus valores, como exemplifica a escritora britânica Virginia Woolf na obra *Um teto todo seu* (1985).

(...) são os valores masculinos que prevalecem. Falando cruamente, o futebol e os esportes são “importantes”; o culto da moda e a compra de roupas são “insignificantes”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Esse é um livro importante, pressupõe o crítico, porque lida com a guerra. Esse é um livro insignificante, pois lida com os sentimentos das mulheres numa sala de visitas. Uma cena de campo de batalha é mais importante do que uma cena de loja — em todos os lugares, e de modo muito mais sutil, a diferença de valores persiste. (WOOLF, 1985, p.91)

Isso reflete nas estruturas sociais e nas relações produtivas e reprodutivas, caracterizando a violência simbólica sofrida pelas mulheres nas atividades do dia a dia. Bourdieu também observa como tal dominação e relação de poder tem influência nas funções exercidas por homens e mulheres, inclusive no mercado de trabalho, como abordado antes

neste estudo. Para o autor, enquanto os homens exercem trabalhos perigosos e “espetaculares”, como a lavoura e as guerras, às mulheres são atribuídos os trabalhos domésticos, como cuidar das crianças, dos animais, e dos jardins.

Tal discurso dialoga com a dificuldade que as mulheres sofrem ao tentar exercer profissões que estão em meio à dominação masculina. No jornalismo esportivo, é comum observarmos repórteres serem desrespeitadas, inclusive em programas ao vivo. Suas opiniões e capacidades geralmente são colocadas em questionamento, exatamente por existir a visão de que esse ambiente não é para o sexo feminino. A mulher é colocada como objeto e posse junto aos seus dominantes que, naquele ambiente, possuem a palavra final.

### 3.1 O machismo estrutural e a objetificação da mulher

Uma característica inerente à nossa sociedade é o patriarcalismo. Esse conceito coloca os homens como autoridade máxima dentro do âmbito familiar, sendo eles os responsáveis por trabalhar e prover para esposas e filhos, enquanto as mulheres possuem o papel de cuidar da casa e procriar, desvalorizando a identidade feminina. Assim, o homem desfruta de uma posição de privilégio e poder social, econômico e político, enquanto a mulher é relegada à submissão e invisibilização<sup>27</sup>. Com a disseminação dessa ideologia, a posição de superioridade do homem se estendeu ao ambiente de trabalho e a diversos outros setores da sociedade. O machismo, preconceito tão antigo em nosso grupo social, continua a se propagar no século XXI, reprimindo a igualdade entre os gêneros e favorecendo o masculino em detrimento ao feminino<sup>28</sup>. A visão de incapacidade das mulheres em relação aos homens ainda é percebida em falas e atitudes. E esse pensamento traz a ideia de que ambos possuem papéis distintos na sociedade, com comportamentos, direitos e deveres que se diferenciam desde o nascimento, como explica Mary Drumont (1980).

Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina. Um outro exemplo nos é oferecido pela própria destinação em termos de trabalho: a menina é geralmente conduzida para as atividades que não produzem dinheiro, enquanto que o garoto é necessariamente orientado para uma profissionalização. (DRUMONT, 1980, p.81)

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/patriarcado/>> Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <[https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwnbmaBhD-ARIsAGTPcfXyxJl5ucgxq5qf32cXG5A\\_qcSC9-F1nDSypxfsf5jqggtvOYB3NycaAjj3EALw\\_wcB](https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwnbmaBhD-ARIsAGTPcfXyxJl5ucgxq5qf32cXG5A_qcSC9-F1nDSypxfsf5jqggtvOYB3NycaAjj3EALw_wcB)> Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

Uma atitude proveniente do machismo é a objetificação da mulher. De acordo com Langton (2005), para as feministas existe um foco no tratamento enfrentado pelas mulheres, e uma afirmação de que a opressão sobre elas consiste, em parte, nelas serem vistas como objetos. Combater tal objetificação é uma das principais pautas do movimento. A imagem e o corpo da mulher são banalizados e reduzidos a objetos que servem para satisfazer os desejos masculinos. Assim, a aparência feminina é colocada acima de quaisquer outros aspectos que as definem como indivíduos, como define Beauvoir.

O ideal da beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. Entre outras, exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída. A beleza viril é a adaptação do corpo a funções ativas, é a força, a agilidade, a flexibilidade, a manifestação de uma transcendência a animar uma carne que não deve nunca recair sobre si própria. (BEAUVOIR, 2000, p.199 - 200)

Dessa maneira, “ser sexualmente objetificada significa ter um propósito social imposto sobre você que lhe define como destinada a ser usada sexualmente” (MACKINNON apud LANGTON, 2005, p.243). É contra essa ideia que lutamos.

Entretanto, o machismo é cultural e intrínseco aos diversos aspectos de uma sociedade, como a economia, a política, a religião e a família. As mulheres, então, sofrem opressão nas suas mais diferentes formas, sendo julgadas como inferiores aos homens em aspectos físicos, intelectuais e sociais, atitudes que as colocam basicamente como seres dependentes e secundários. Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos Direitos do Homem, que decreta a igualdade entre todos os indivíduos. As mulheres não se encaixam nessa categoria? (PERROT, 2017)

No nosso país, essa ideia vira estatística. O Brasil é um dos lugares mais perigosos para as mulheres. De acordo com o Mapa da Violência de 2015<sup>29</sup>, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), ele era, naquele ano, o 5º país no mundo – em um grupo de 83 – em que mais se matam pessoas do sexo feminino. Entre 2003 e 2013, o número de mulheres mortas em condições violentas passou de 3.937 para 4.762, o que representou 13 feminicídios por dia, registrando um aumento de 21% na década. Para as mulheres negras, o índice foi ainda pior: os homicídios, nesse caso, aumentaram 54,2% no mesmo período, passando de 1.864 para 2.875 vítimas.

---

29

Disponível

em:

<<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres>  
> Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

De acordo com o balanço realizado em 2015 pela Central de Atendimento à Mulher, pertencente à extinta Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério da Justiça e Cidadania, em 74% dos relatos recebidos pelo serviço Ligue 180, a violência era diária ou semanal. Em 72% dos casos, as agressões foram cometidas por homens com quem as vítimas mantinham ou mantiveram uma relação afetiva. Os casos registrados pelo serviço incluem violência física, psicológica, moral, patrimonial, sexual, cárcere privado e até mesmo tráfico de pessoas. As violências sofridas se tornam traumas para as vítimas, que muitas vezes desenvolvem depressão, transtorno de ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático.<sup>30</sup>

Os números mais recentes também não são bons. No ano de 2023, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência doméstica a cada 24 horas. Os dados referem-se a oito dos nove estados monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança (BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ, SP), uma iniciativa de instituições acadêmicas e da sociedade civil desses oito estados, junto ao Amazonas, dedicada a acompanhar políticas públicas de segurança e a criminalidade nessas áreas.<sup>31</sup>

Ao todo, foram registradas 3.181 mulheres vítimas de violência, representando um aumento de 22,04% em relação a 2022, quando Pará e Amazonas ainda não faziam parte deste monitoramento.

Os dados monitorados apontaram 586 vítimas de feminicídios. Isso significa dizer que, a cada 15 horas, uma mulher morreu em razão do gênero, majoritariamente pelas mãos de parceiros ou ex-parceiros (72,7%), que usaram armas brancas (em 38,12% dos casos), ou por armas de fogo (23,75%).

Em 2021, o Brasil registrou um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7 horas, de acordo com um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)<sup>32</sup>. O documento foi feito a partir dos boletins de ocorrência das Polícias Cíveis das 27 unidades da federação. Os dados mostram que houve 56.098 estupros — incluindo de vulneráveis — do gênero feminino, em todo o país, o que representa um aumento de 3,7% em relação ao ano anterior. Já os casos de feminicídio caíram 2,4%, sendo 1.319 vítimas em 2021 e 1.351 no ano anterior.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.unifesp.br/edicao-atual-entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres> Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia> Acesso em: 17 de maio de 2024.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-fem-inicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml> Acesso em: 06 de dezembro de 2022.

Também foi constatado um aumento nos crimes contra meninas e mulheres durante a pandemia da Covid-19, número que pode ter sido influenciado pela dinâmica do isolamento e da quarentena. Entre março de 2020, quando o vírus chegou no Brasil, e dezembro de 2021, foram registrados 2.451 feminicídios e 10.398 casos de estupros. Apesar do número de feminicídios ter apresentado uma queda no ano de 2021, as taxas em território nacional ainda são alarmantes. A prova de uma sociedade extremamente influenciada pelo sistema patriarcal e que é resultado do machismo estrutural.<sup>33</sup>

Após ter sido visto como normal por muito tempo, há apenas algumas décadas esse comportamento é problematizado, especialmente pelos movimentos feministas, que lutam pela igualdade de gênero, ou seja, pela extinção da cultura machista em todos os âmbitos da sociedade<sup>34</sup>. Além de muitas pessoas ainda terem uma visão patriarcal, determinadas atitudes sexistas podem ser reproduzidas de forma involuntária, tendo em vista o fato de que o machismo já está tão enraizado na comunidade que certas falas passam despercebidas ou simplesmente não são vistas como inconvenientes. Assim, muitas vezes as mulheres ainda são indesejadas e desrespeitadas em diversos ambientes, o que as faz não conseguirem entrar em alguns espaços ou, uma vez inseridas, passarem por situações constrangedoras e abusivas.

E, como dito anteriormente, muitas vezes a própria mulher é culpabilizada pela violência que sofre. Fato que também ocorre como um resultado desse fenômeno. Uma pesquisa feita pelo Datafolha em 2016, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mostrou que mais de 33% da população brasileira considerava a mulher culpada pelo estupro. Além disso, 42% dos homens e 32% das mulheres concordavam com a afirmação de que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”.<sup>35</sup>

O primeiro recurso é a culpabilização da vítima: a mulher estuprada presumivelmente teria agido de modo a provocar sua própria agressão, seja pelas roupas que trajava, seja pela sua atitude imprudente, indecente e despudorada, seja pela inadequação dos lugares que frequentava, do horário em que saía de casa, da atitude que tomava. O artifício de inversão da culpa traz à tona a reafirmação dos estereótipos de gênero: do recato, da fragilidade, da docilidade, da castidade, da virtude feminina. Agindo de forma contrária a esses predicados, estaria a mulher autorizando (a legitimidade de) sua própria vitimação. E o homem, recebendo por delegação a competência de disciplinar o comportamento adequado da

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-fem-inicio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>> Acesso em: 06 de dezembro de 2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/paridade-de-genero/>> Acesso em: 06 de dezembro de 2022.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/machismo-leva-culpabilizacao-da-vitima-de-violencia-sexual-diz>> Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

mulher, estaria autorizado a usurpar sua autonomia e, paternalisticamente, decidir em nome dela. (FERREIRA, 2016, p. 2)

Esse resultado explicita que as vítimas ainda são consideradas responsáveis pela violência sexual, seja por não se comportarem “adequadamente” ou por usarem roupas consideradas inapropriadas. Importante lembrar que o termo violência sexual abrange diferentes formas de agressão que ferem a dignidade e a liberdade sexual de uma pessoa, incluindo assédio, exploração sexual e estupro. Nesse conceito também se inserem as “piadinhas”, comentários e “cantadas”.<sup>36</sup>

Traçado o contexto de desvalorização da mulher, podemos nos aprofundar na questão da erotização da presença feminina em meios como o esporte. Por muito tempo, a função das mulheres estava ligada estritamente à maternidade. Ela deveria reproduzir, para que depois seus filhos servissem ao mundo. Hoje existe uma sexualização maior ligada ao sexo feminino, que deve apresentar um padrão de beleza esperado, visto que sua imagem é relacionada ao objetivo de satisfazer o desejo do homem. Por isso, é comum vermos profissionais que trabalham nesses ambientes sendo chamadas de “gostasas” e “gatas”, como se estivessem ali não para exercer sua função, mas para agradar os olhos de quem as vê. Apenas mais uma forma de opressão do sistema patriarcal. De acordo com Naomi Wolf (1992), no livro “O Mito da Beleza”, a imagem esperada da mulher contribui para a manutenção do poder masculino.

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOLF, 1992, p.15)

E, infelizmente, as cantadas proferidas às mulheres, mesmo no ambiente de trabalho, são constantes. Muitos depoimentos de jornalistas mostram que a sua beleza física é destacada em momentos impróprios e indesejados, explicitando a objetificação. Em entrevista ao UOL, que reuniu vários depoimentos de jornalistas mulheres sobre suas experiências no ambiente – machista – de trabalho, uma jornalista que preferiu não ser identificada contou que durante

---

36

Disponível em:  
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/machismo-leva-culpabilizacao-da-vitima-de-violencia-sexual-diz>> Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

uma coletiva de imprensa, um treinador de futebol discordou de sua opinião e, ao respondê-la, falou sobre seus atributos físicos: "vou discordar de você apesar de você ser muito bonita".<sup>37</sup>

Os casos são infinitos e variam entre o machismo velado e o mais claro e agressivo. A repórter e comentarista da TV Globo, Ana Thais Matos, também conversou com o portal<sup>38</sup> e contou que, em uma transmissão, a qual ela conseguiu concluir mesmo depois de ser verbalmente agredida, um sujeito gritou seu nome e disse que a encontraria na rua e a estupraria. Muitos xingamentos também são proferidos às mulheres, como contou a repórter Mayra Siqueira, à época da matéria, em 2019, repórter da Rádio Globo/CBN e comentarista do SporTV.

Os xingamentos não são a coisa mais comum, em geral o problema são as cantadas e os comentários grotescos e sexuais. Mas já aconteceu de ouvir de "puta" pra baixo, especialmente nos estádios em que há maior proximidade com torcedores. Em geral, me calo. Já respondi uma vez. Cheguei a temer que os torcedores arrebatassem a grade para me agredir. (SIQUEIRA, 2019)<sup>39</sup>

Assim, as mulheres continuam sendo colocadas em posições que as expõem como um objeto atrativo a ser apreciado – ou ridicularizado. Em 2013, por exemplo, uma “mesa redonda” feminina, comandada pela jornalista Fernanda Gentil, aconteceria no programa *Esporte Espetacular*, na TV Globo. Na *Globo.com*, a chamada para o projeto era: “Mesa redonda feminina reúne belas mulheres e muito conteúdo a partir deste domingo no Esporte Espetacular”<sup>40</sup>. Hoje, a matéria não está mais no ar, mas demonstra como a característica física das mulheres é o fator que ainda é prevaiente.

No artigo “As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo”, Olga Bagatini (2018) mostra que, segundo levantamento feito pelo UOL Esporte, apenas 13% das profissionais eram mulheres e quase todas estavam na reportagem dos programas esportivos da TV fechada da época. Eram comuns, como ainda acontece hoje em dia, as mesas redondas compostas majoritariamente por homens, mas com apresentadoras mulheres consideradas padrão de

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>> Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>> Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#elas-mesmas-contam>> Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/mesa-redonda-feminina-reune-belas-mulheres-muito-conteudo-partir-deste-domingo-no-esporte-espetacular-10730126>> Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

beleza e vestidas com roupas curtas ou que chamam a atenção. Elas não participavam efetivamente do debate esportivo, mas estavam ali como enfeites do cenário. Além de excluir as jornalistas, essa prática também reforça estereótipos de que mulheres não entendem de esporte e são meros corpos para apreciação masculina (BAGATINI, 2018). Para Renata Mendonça, jornalista do Grupo Globo, a função de homens e mulheres dentro da profissão deveria ser a mesma. Ela também destacou que nenhum comentário sobre o corpo das profissionais pode ser considerado aceitável.

Acho que o papel da mulher deveria ser exatamente o mesmo do homem. Ambos têm a mesma capacidade de produzir matérias, de analisar jogos, de trazer histórias interessantes. Mas o que acontece, na realidade, é que a mulher já é subestimada logo no início quando quer 'entrar nesse mundo'. Ela já é vista como alguém que não sabe tanto quanto um homem ou que vai ter mais dificuldades para trabalhar ali. A questão é que existe um preconceito dos veículos quanto a contratar mulheres e confiar nelas para produzir o mesmo que um homem produziria, e também do público, que muitas vezes vê com descrédito mulheres que trabalham com futebol, acham que elas não sabem tanto quanto os homens ou que não têm propriedade para falar. (...) É importante mencionar que nenhum comentário a respeito da forma física das mulheres enquanto elas estão trabalhando pode ser considerado elogio. Qualquer comentário, seja ele um xingamento ou um "gostosa", é assédio e é ofensivo. Já imaginou estar no seu local de trabalho, obviamente trabalhando, e o tempo todo ouvir gente atrás falando do seu corpo, da sua forma física, te pedindo em casamento? São sempre comentários tentando depreciar a mulher. (MENDONÇA, 2019)<sup>41</sup>

A mesma matéria, que consultou diversas profissionais, trouxe a visão delas sobre o que esperam encontrar no futuro. A perspectiva de mudança, apesar de podermos acompanhar alguns avanços em relação à presença da mulher nesse meio, ainda não é tão esperançosa. As profissionais seguem sendo agredidas e diminuídas e, para que essa barreira seja quebrada, ainda é necessário melhorarmos em muitos aspectos. A desconstrução da herança deixada pela sociedade patriarcal é um processo longo e árduo. As jornalistas Joanna de Assis e Milly Lacombe expuseram seus pensamentos em relação a esse tema.

Não sei se isso um dia vai mudar. Sou positiva, acho que as pessoas vão melhorar sempre. Mas não vejo em futuro próximo, acho que não estarei viva para isso. É um estrago de muito tempo. (ASSIS, 2019)

Machismo está aí. Você não tira. Todos nós bebemos machismo na mamadeira, difícil tirar isso de uma geração para outra, ou de duas, de três.

41

Disponível

em:

<<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#o-que-pensam-os-coletivos-fe-ministas-sobre-essa-situacao>> Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

Vai acabar aos poucos, mas vai acabar. Enquanto a sociedade for patriarcal, vai ser difícil. (LACOMBE, 2019)<sup>42</sup>

Consideradas como um grupo das “minorias”, as mulheres não deveriam ocupar esse posto. Estatísticas mostram que o número de mulheres e homens no mundo é curiosamente igual. Não exatamente o mesmo, mas próximo<sup>43</sup>. Em países como Estados Unidos e Brasil, as mulheres são maioria. Então como podemos incluir mulheres na categoria de "minorias"? Esse título não está relacionado à quantidade. Ele diz respeito a poder, representatividade, direitos. Minoria é uma recusa de consentimento. (SODRÉ, 2005)

A noção contemporânea de minoria refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os neoliberalistas, etc. [...] O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual. Minoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como a massa ou a multidão ou ainda um grupo, mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica. (SODRÉ, 2005, p.11-12)

Em uma sociedade que tende a progredir e reduzir cada vez mais o preconceito contra essas minorias, como LGBTQIAP+, negros, e mulheres, atitudes discriminatórias e intolerantes às diferenças vão contra o caminho evolutivo que estamos seguindo e devem ser combatidas por todos nós.

### **3.2. A opinião feminina sempre em questionamento**

A busca constante pela igualdade entre homens e mulheres vai muito além da tentativa de alcançar os mesmos direitos e deveres. A luta feminista também serve como um grito de liberdade para o sexo feminino. Em qualquer ambiente, as mulheres são obrigadas a demonstrar sua força e capacidade de estarem ali. Segundo Michelle Perrot (2017), o feminismo busca mostrar a importância do papel das mulheres e a habilidade delas em exercê-lo.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#perspectiva-de-mudanca>> Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.conversacult.com.br/2015/02/por-que-mulheres-sao-uma-minoria.html>> Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

[...] a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. (PERROT, 2017, p.179)

Em sua análise sobre os efeitos produzidos pelo machismo e pela sociedade patriarcal, Perrot vai contra a ideia de obediência atribuída às mulheres, e defende que elas não se resumem apenas a essa posição de resistência.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. (PERROT, 2017, p.193)

Apesar de a importância do papel feminino ser inegável, o que vem das mulheres, desde opiniões até a execução de alguma tarefa, continua sendo colocado em dúvida. Seriam elas capazes de falar ou fazer aquilo? Inúmeros questionamentos como esse podem ser vistos dentro do jornalismo esportivo. A todo momento, as jornalistas da área precisam provar para colegas, chefes ou para o próprio público seus conhecimentos sobre os assuntos abordados. Coisa que raramente acontece com os homens. Se algum comentário é feito sem grande aprofundamento, já se assume que ela não sabe o que está falando. Exemplo disso foi dado pelas jornalistas Bibiana Bolson e Monique Danello, ao site UOL<sup>44</sup>.

Já recebi centenas de mensagens de mulheres que se sentiram representadas, que tiveram testados os conhecimentos, por exemplo, como forma de provar que dominavam o tema, do tipo: 'fala então a escalação de 79'. (BOLSON, 2019)

A gente fala de preconceito e ofensas nas redes sociais, mas isso acontece entre colegas, sente isso de um colega para gente. Acontece dentro dos clubes com jogadores. A gente está sempre sendo colocada à prova. (DANELLO, 2019)<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado> Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#necessidade-de-provar-conhecimento> Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

Anelise Righi (2006), no texto “As donas da bola – inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo”, também analisou a restrição nas atividades das mulheres nesse meio, no qual pouquíssimas têm a chance de comentar e opinar, ficando a maioria limitada a determinado local de fala.

Da mesma forma que os meios de comunicação não noticiam os eventos esportivos femininos, raramente abrem espaços para as mulheres comentarem, descreverem ou narrarem assuntos relacionados ao esporte. [...] O aumento da presença feminina no jornalismo esportivo na televisão nas últimas duas décadas não significou grandes mudanças na rotina das redações, o papel das mulheres ainda está restrito em alguns programas televisivos ao domínio masculino. Elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos. (RIGHI, 2006, p.29)

O esforço das mulheres também é muito maior para evitarem cometer erros, porque, para elas, equívocos podem ser fatais. A tolerância em relação aos erros cometidos por mulheres é quase inexistente. Esse comportamento pode ser explicado por uma tentativa dos homens de manterem sua sensação de superioridade, especialmente dos que demonstram insegurança e fazem questão de reafirmar sua masculinidade. Segundo Beauvoir, os homens que mais costumam difamar o sexo feminino são aqueles que possuem a masculinidade frágil.

Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. (BEAUVOIR, 2000, p. 19)

A herança da sociedade machista, então, faz com que as mulheres continuem sendo julgadas pelo seu corpo e sua aparência, e não por sua capacidade intelectual. Por isso, é comum vermos pessoas do sexo feminino sendo questionadas no ambiente de trabalho.

Atitudes do tipo devem ser condenadas não só, claro, pelas vítimas e por todas as mulheres, mas pelos próprios homens. É importante lembrar do papel masculino dentro desse contexto, como afirma Henrique Marques-Samyn (2012), professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em seu artigo “*Slut shaming*, objetificação e legitimação do estupro”, publicado no blog “Blogueiras Feministas”.

Podemos reconhecer o pleno direito das mulheres sobre o próprio corpo e sobre a própria sexualidade — recusando-nos a praticar o *slut shaming*<sup>46</sup>, a

---

<sup>46</sup> *Slut shaming*: gíria para se referir a uma mulher como “vadia”, e envergonhá-la.

objetificação/reificação e a endossar os discursos de legitimação do estupro. Fazer isso é reconhecer que cada mulher é um ser humano que, como tal, é portador de direitos inalienáveis e de um valor moral intrínseco. Fazer isso é participar de uma extraordinária revolução denominada Feminismo. (MARQUES-SAMYN, 2012)<sup>47</sup>

Só é possível alcançar um cenário ideal com ajuda e disposição de todos os lados. O esforço na tentativa de chegar à igualdade deve vir também dos privilegiados: nesse caso, os homens. O papel deles dentro do feminismo é importantíssimo. A empatia com as mulheres e a desconstrução de seus pensamentos retrógrados, por exemplo, são atitudes fundamentais que contribuem para que as mulheres ocupem a mesma posição que eles dentro da sociedade, e que devem ser sempre colocadas em prática.

A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar. (ADICHIE, 2015, p. 59)

---

<sup>47</sup> Disponível em:

<<https://blogueirasfeministas.com/2012/12/19/slut-shaming-objetificacao-e-legitimacao-do-estupro/>> Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

#### 4. O lugar da mulher nos esportes

Como dito anteriormente, por muitos anos as mulheres foram proibidas de praticar esportes no Brasil. Durante a Era Vargas, a proibição se estendia a atividades que não eram da “natureza feminina”, sem explicar exatamente quais seriam os esportes. Em 1965, um ano após o Golpe Militar, o Conselho Nacional de Desportos (CND) especificou os esportes proibidos para as mulheres: “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo-aquático, rugby, halterofilismo e beisebol”. Tal decisão só foi revogada em 1979<sup>48</sup>. O Conselho foi instituído pelo Decreto-lei 3.199, do qual o artigo 54 afirmava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”<sup>49</sup>. Fábio Franzini, no artigo “Futebol é coisa para macho?": Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”, fala sobre a proibição.

Ao “proteger” a “natureza feminina”, a lei atendia ao apelo daqueles que condenavam a prática do futebol pelas mulheres, e ainda deixava a critério do CND a definição de quais esportes elas poderiam praticar. E havia uma série de esportes “recomendáveis”, como [...] tênis, voleibol, críquete, natação, ciclismo — estes dois últimos desde que “praticados moderadamente”, conforme ressaltava o documento. Todos eles esportes amadores, característicos da elite, que, quando muito, atingiam a classe média, passando ao largo das grandes massas e dos subúrbios onde as jovens corriam atrás da bola. (FRANZINI, 2005, p.322)

O que podemos perceber com essa lei é uma tentativa de afastar a figura feminina dos esportes. E tais atitudes trouxeram consequências visíveis até hoje, especialmente se falarmos de futebol, como completa Franzini:

Hoje, passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo — “coisa de homem”, lembremos; ao mesmo

<sup>48</sup>

Disponível

em:

<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>> Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

<sup>49</sup>

Disponível

em:

<<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/#:~:text=%E2%80%9C%C3%80s%20mulheres%20n%C3%A3o%20se,14%20de%20abril%20de%201941.>>> Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. (FRANZINI, 2005, p. 325)

Vamos entender melhor, então, o que é esse “lugar de homem”, e quais as consequências para as mulheres que tentam ocupá-lo pouco a pouco.

#### **4.1 O esporte como “lugar de homem”**

A tentativa feminina de ocupar ambientes masculinos, como é o caso dos esportes, sempre foi vista de maneira negativa. Entretanto, outra questão afastou as mulheres do meio esportivo por muito tempo: a visão do corpo feminino como meio reprodutivo. Sua função era, exclusivamente, criar filhos saudáveis que pudessem dar continuidade ao grupo social. E qualquer coisa que pudesse atrapalhar esse processo não era bem-vinda.

A preocupação com o progresso levava as pessoas a representarem a maternidade como a função de maior importância para a evolução. Para a mulher, por ter que investir sua energia nas necessidades de reprodução, qualquer esforço extra empregado em atividade física vigorosa ou intelectual resultaria em fraqueza, doença, infertilidade ou danos às futuras gerações. E, a partir desta representação, acreditava-se na necessidade de ajustar a educação física feminina com o seu desenvolvimento reprodutivo, pois não haveria a reposição da energia desperdiçada. A partir do momento em que os princípios do darwinismo social e a "sobrevivência do mais saudável" devessem ser seguidos pelas mulheres, as meninas deviam então usufruir dos benefícios saudáveis dos jogos leves e de atividade física moderada, para tornarem-se mães fortes. (MOURÃO, 2000, p.10-11)

A falta de investimento nas modalidades femininas, percebida até hoje, pode ser explicada por esse contexto histórico. Esse fato se estende a inúmeros esportes, dos menos populares até os esportes de massa. Fatores que também contribuem para a difícil inserção das mulheres no meio esportivo é a ideia de que elas estão intrinsecamente ligadas à fragilidade e ao padrão de um objeto de desejo. No remo, por exemplo, essas visões moldavam a participação feminina no esporte.

Nas notícias sobre as regatas e atividades dos clubes de remo, publicadas nos jornais e revistas da época, a presença de mulheres nas arquibancadas era constantemente exaltada, notadamente as jovens que ‘enfeitavam’ o ambiente: para elas concebia-se o papel de torcedoras saudáveis e atentas aos novos tempos. [...] Durante muito tempo ainda estaria associada às mulheres uma ideia de beleza frágil, fundamentalmente situada na aparência e no vestuário. Não surpreende, assim, que estivessem afastadas do remo enquanto atletas, já que ao redor dessa prática se construía uma visão antagônica aos papéis delas esperados. (MELO, 2007, p.140-142)

Se também pegarmos como exemplo o esporte mais popular no Brasil, o futebol, a questão fica ainda mais evidente. Mesmo antes da proibição do futebol para as mulheres, ele – quando praticado por elas – nunca foi valorizado no nosso país. Não existiam grandes competições para o futebol feminino. As jogadoras costumavam vir de classes menos favorecidas. Além disso, aquelas que o praticavam eram comumente chamadas de “grosseiras, sem classe, malcheirosas”. O oposto acontecia com os homens: para eles, a prática era considerada de elite<sup>50</sup>. Assim, existia uma clara separação entre o que seria o esporte para os homens e os esportes específicos e próprios para mulheres, não só por parte do público, mas igualmente por parte da mídia.

Através da mídia parece haver então dois caminhos: o primeiro, sendo o do esporte masculinizado e o segundo, o do esporte feminino, com um tratamento de modelos de beleza e o objeto de desejo (PRIORE, 2000, p.35)

Manchetes de meios de comunicação, como revistas e jornais, escancaravam essa ideia.

Figura 1: Jornal de 1941



Fonte: *Globo.com*, 14 abr. 2021<sup>51</sup>

50

Disponível

em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ha-80-anos-decreto-lei-de-vargas-impedia-mulheres-de-praticarem-esportes.phtml>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

51

Disponível

em:

<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>> Acesso em 10 de dezembro de 2022.

Se analisarmos o incentivo dado ao futebol feminino no Brasil, podemos entender melhor o porquê de a modalidade ainda não ter tanta força em nosso país. A prática do esporte é pouco disseminada para as mulheres, e o resultado disso são os poucos centros de treinamento voltados para o público feminino, a quantidade baixíssima de meninas nas escolinhas de futebol e, conseqüentemente, a grande diferença entre os gêneros feminino e masculino no esporte<sup>52</sup>. A primeira Copa do Mundo feminina, por exemplo, foi realizada em 1991, e a primeira participação nos Jogos Olímpicos ocorreu em 1996. O primeiro Mundial masculino foi disputado em 1930, 61 anos antes.<sup>53</sup>

Em 1983, quando a modalidade feminina foi regulamentada no Brasil, calendários de jogos e os primeiros clubes de futebol feminino profissional começaram a aparecer. Apesar de ser um esporte profissional oficializado, o futebol feminino demorou a ter uma maior visibilidade ou grandes times apostando na modalidade em nosso país.<sup>54</sup>

Somente a partir de 2019, todos os 20 clubes participantes da Série A do Campeonato Brasileiro precisaram se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol e, por obrigação, manter um time de futebol feminino – adulto e de base.<sup>55</sup>

Em 1988 ocorre o primeiro torneio de seleções da FIFA, de forma experimental. A competição foi disputada na China e chamada de Women's Invitational Tournament (Torneio Feminino por Convite). Os uniformes usados pelas mulheres eram feitos com sobras das roupas dos homens.<sup>56</sup>

O esporte começou a ser mais reconhecido a partir de 1999 no Brasil, ano no qual a Seleção Brasileira Feminina ficou em terceiro lugar na Copa do Mundo, realizada nos Estados Unidos. Em 2007, a Seleção conquistou a segunda colocação, seu melhor resultado até os dias atuais. Em relação aos Jogos Olímpicos, o time brasileiro ganhou medalha de prata em duas edições: Atenas (2004) e Pequim (2008). Assim, com o passar dos anos, a modalidade começou a ter mais visibilidade, com transmissões de jogos na televisão, engajamento nas

---

<sup>52</sup> Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/baixo-incentivo-e-pouco-investimento-a-base-do-futebol-feminino-no-brasil/> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://br.bolavip.com/futebol/historia-selecao-brasileira-brasil-mulheres-futebol-feminino-20220308-0068.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://br.bolavip.com/futebol/historia-selecao-brasileira-brasil-mulheres-futebol-feminino-20220308-0068.htm> Acesso em: 17 de maio de 2024.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situa-cao-dos-clubes.ghtml> Acesso em: 17 de maio de 2024.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://br.bolavip.com/futebol/historia-selecao-brasileira-brasil-mulheres-futebol-feminino-20220308-0068.htm> Acesso em: 17 de maio de 2024.

redes sociais e patrocinadores grandes nos principais times do país. Entretanto, mesmo com os avanços, ainda é preciso evoluir e crescer cada vez mais, na tentativa de alcançar o mesmo patamar de importância do futebol masculino. Existe uma enorme diferença histórica a ser vencida.

## 4.2 O assédio a jornalistas mulheres

A objetificação da mulher e a visão erotizada do corpo feminino tornou comum a ocorrência de casos de assédio às jornalistas esportivas. Após cerca de 50 anos de luta para a inserção das mulheres no jornalismo esportivo no Brasil, o machismo persiste nos ambientes de trabalho, nas arquibancadas, entre atletas, comissão técnica e o público. De acordo com uma pesquisa realizada pela jornalista Renata Cardoso Nassar (2019), em seu trabalho de conclusão de curso “O assédio no jornalismo esportivo: o cotidiano das jornalistas e o machismo praticado pela imprensa”, 96,55% das profissionais entrevistadas afirmam que o preconceito é uma realidade entre as mulheres que atuam na área. Do total, 86,65% contam já terem sofrido preconceito em algum momento da carreira, sendo o assédio o principal tipo de constrangimento (38,46%).

Infelizmente, muitos exemplos de assédios podem ser citados nesse estudo, com o objetivo de elucidar as agressões sofridas por mulheres durante sua jornada de trabalho. É o que faremos agora. No dia 11 de março de 2018, um torcedor do Internacional gritou "Sai daqui, puta" e empurrou a repórter da Rádio Gaúcha Renata Medeiros, que cobria o clássico Gre-Nal<sup>57</sup>. Dois dias depois, em 13 de março de 2018, um torcedor do Vasco tentou beijar Bruna Dealtry, repórter do Esporte Interativo, que fazia a cobertura do time carioca no jogo contra o Universidad do Chile, pela Libertadores<sup>58</sup>. Na época, Bruna escreveu sobre o ocorrido: "Senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando pelas ruas. Um beijo na boca, sem a minha permissão, enquanto eu exercia a minha profissão". "Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada", concluiu<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/episodios-de-machismo-marcam-classico-italiano-e-gre-nal/> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalistas-criam-grupo-contra-machismo-e-assedio-no-jornalismo-esportivo/> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/03/assediada-ao-vivo-com-beijo-de-torcedor-reporter-faz-desabafo-em-rede-social.shtml> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

Em novembro de 2021, uma jornalista italiana foi assediada ao vivo, enquanto cobria o jogo entre Empoli e Fiorentina pelo Campeonato Italiano<sup>60</sup>. Greta Beccaglia, da Toscana TV, recebeu um beijo na mão e, em seguida, um tapa no bumbum, ficando claramente constrangida diante das câmeras. "Você não pode fazer isso", disse ao agressor. Situação parecida aconteceu com a jornalista Jéssica Dias, da ESPN, em setembro de 2022. Ela foi assediada por um torcedor do Flamengo, durante transmissão ao vivo antes de Flamengo x Vélez Sarsfield, pela Copa Libertadores<sup>61</sup>. Enquanto a jornalista falava, um torcedor beijou seu rosto, sem consentimento. O acontecimento teve bastante repercussão e o agressor, Marcelo Benevides Silva, foi detido e teve a prisão preventiva decretada.

Jessica falou sobre o episódio em suas redes sociais. "Antes tiveram muitos xingamentos e importunação porque o ao vivo demorava. Pedi calma e para que não ficasse xingando, não precisava. Vieram os 'pedidos de desculpa' com alisamentos nos ombros e um beijo no local"<sup>62</sup>, disse. Após outra tentativa de beijo no ombro, negada por Jéssica, o assediador foi chamado atenção pelo profissional que operava a câmera que estava junto com a jornalista. Ao entrar ao vivo, o agressor retornou e beijou a repórter no rosto. "Eu sofri importunação sexual enquanto trabalhava e isso é crime. Eu não queria beijo, não queria carinho, não queria passar 3h em uma delegacia. Eu só queria trabalhar"<sup>63</sup>, desabafou.

Outro caso que ficou conhecido aconteceu na Copa do Mundo de 2018, na Rússia. A repórter Júlia Guimarães, da TV Globo, foi assediada enquanto cobria o evento<sup>64</sup>. Na ocasião, ela desviou de um torcedor que tentou beijá-la antes do jogo entre Japão e Senegal. "Eu não te autorizei a fazer isso. Nunca! Ok? Isso não é educado, isso não é certo. Nunca faça isso! Nunca faça isso com uma mulher. Respeito!"<sup>65</sup>, reagiu Júlia. Esses são apenas alguns exemplos dos assédios sofridos diariamente, de diferentes maneiras, pelas mulheres.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/jornalista-esportiva-e-molestada-ao-vivo-por-torcedor-na-italia> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reporter-da-espnn-sofre-assedio-ao-vivo-de-torcedor-do-flamengo-humilhante-88583> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/09/08/reporter-da-espnn-assediada-em-fla-x-velez-desabaf-a-so-queria-trabalhar.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/09/08/reporter-da-espnn-assediada-em-fla-x-velez-desabaf-a-so-queria-trabalhar.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/reporter-da-tv-globo-e-assediada-durante-transmissao-ao-vivo-na-copa> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/06/25/reporter-da-globo-diz-que-se-surpreendeu-com-propria-reacao-apos-assedio.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

**Figura 2: Assédio à repórter Jéssica Dias**



Fonte: UOL, 7 set. 2022<sup>66</sup>

**Figura 3: Assédio à repórter Bruna Dealtry**



Fonte: Veja SP, 14 mar. 2018<sup>67</sup>

66

Disponível em:  
<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/09/07/torcedor-do-fla-assedia-reporter-da-espn-a-o-vivo-nos-arredores-do-maracana.htm>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

67

Disponível em:  
<<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/reporter-do-esporte-interativo-desabafa-apos-assedio-de-torcedor>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

Em entrevista concedida à revista “29 horas”, a jornalista Renata Silveira, que integra o Grupo Globo, falou sobre a misoginia que as mulheres da profissão sofrem<sup>68</sup>. Após 21 edições de Copa do Mundo, ela foi a primeira mulher no Brasil a narrar o evento em TV aberta. Para Renata, o machismo é uma característica que vai muito além do âmbito esportivo:

[...] esse é um traço cultural que ultrapassa o esporte. Nossa sociedade foi estruturada sobre bases machistas. Enquanto público, não estamos preparados para assistir, ouvir, admirar e consumir conteúdos produzidos por mulheres. Mas é claro que, quando falamos sobre futebol, a situação se agrava. Até meados de 1940, nós éramos proibidas de jogar, de assistir e até de comentar sobre o esporte. Desaceleraram nossos passos e, por isso, estamos chegando tão tardiamente. Primeiro, as repórteres vieram desbravando o terreno; depois, as comentaristas fincaram suas opiniões nas bancadas; e, agora, finalmente chega a vez das narradoras. Espero que seja o último passo para um cenário de maior equidade. (SILVEIRA, 2022)<sup>69</sup>

Ao falar sobre como se sente sendo uma das pioneiras no segmento, ela respondeu:

Eu me sinto honrada [...], mas eu nunca quis que fosse assim. É triste pensar que demorou tanto para estarmos aqui. Meu mais sincero desejo era que eu fosse apenas mais uma entre tantas mulheres que já tivessem conseguido alcançar esse espaço. Mas, enquanto ainda engatinhamos, creio que seja um marco crucial para desestruturas, estigmas e preconceitos no esporte. (SILVEIRA, 2022)<sup>70</sup>

Apesar de ser minoria nos campos e nas bancadas jornalísticas, a jornalista afirma que isso nunca se tornou um empecilho: “ (...) nunca me intimidei. Nada disso me impediu de acreditar que ali seria meu lugar”<sup>71</sup>, completou.

Na intenção de engrandecer ainda mais esse estudo, procuramos entender a fundo situações reais que aconteceram com mulheres inseridas nesse meio. E nada melhor do que

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.novanoticias.com.br/noticias/geral/renata-silveira-culpa-machismo-por-atraso-de-mulheres-no-futebol>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/renata-silveira-primeira-mulher-no-brasil-narrar-uma-copa-do-mundo-fala-de-machismo-nunca-me-intimidei-25537463.html>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/07/06/renata-silveira-sobre-machismo-ao-longo-da-carreira-nunca-me-intimidei.htm#:~:text=Renata%20Silveira%2C%20narradora%20do%20Grupo%20Globo%2C%20confirmou%20que%20sofreu%20com,que%20ali%20seria%20meu%20lugar.>>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/07/06/renata-silveira-sobre-machismo-ao-longo-da-carreira-nunca-me-intimidei.htm#:~:text=Renata%20Silveira%2C%20narradora%20do%20Grupo%20Globo%2C%20confirmou%20que%20sofreu%20com,que%20ali%20seria%20meu%20lugar.>>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

trazer essa perspectiva conversando diretamente com elas. Anteriormente citada neste trabalho, entramos em contato com Bruna Dealtry (figura 3), que contou de forma detalhada o que ela enxerga no mundo do jornalismo esportivo em relação à presença feminina. Bruna, ex-atleta de vôlei de praia e jornalista, atualmente na Cazé TV, concordou em contar um pouco mais sobre sua carreira, suas visões sobre o futuro e sobre o assédio por ela sofrido. Infelizmente, esse foi apenas um dos casos ocorridos com ela ao longo de sua trajetória, e o que ganhou maior repercussão. Mas primeiramente, ela comentou e reafirmou o fato de que o futebol é o esporte que mais traz dificuldades para as mulheres.

Futebol é onde a coisa fica mais complicada para uma mulher. Nos esportes olímpicos a aceitação ainda é muito mais natural do que no futebol. Minha maior dificuldade começou na própria redação, com os próprios chefes, na desconfiança da minha capacidade de trabalhar com futebol, por eu ser mulher, apenas por isso. E eu fui atleta, eu tinha uma experiência (no esporte) que muitos homens que estavam lá não tiveram, mas mesmo assim eu enfrentei muita resistência na hora de analisar um jogo, de participar de uma rodinha mesmo na redação para falar sobre algum atleta, alguma partida, e quando eu tentava falar me atravessavam. É um ambiente que sempre foi muito masculino, os homens cresceram indo para estádio com o pai, conversando só com os homens da família sobre esse assunto, então ainda não é natural falar com mulher sobre futebol. Eles ainda precisam repensar algumas atitudes, entender que isso já faz parte do cotidiano. [...] Ser mulher nesse ambiente é entender que você vai precisar quebrar barreiras e enfrentar desafios. (DEALTRY, 2023)<sup>72</sup>

Isso demonstra como as mulheres precisam depositar muito mais esforço para alcançarem algum lugar de prestígio. “Eu estudo 10 vezes mais que um homem para uma transmissão de jogo, porque eu não me dou a oportunidade de não saber qualquer detalhe que seja. Se eu não souber, é porque eu sou mulher”<sup>73</sup>, completou Bruna. Em relação ao beijo inesperado e completamente inapropriado que recebeu enquanto trabalhava, ela relatou seu sentimento no momento do acontecido e ainda comentou que isso é muito frequente entre as jornalistas esportivas mulheres: em um grupo do WhatsApp composto por várias delas, todas já passaram por algo parecido ou até pior.

Você nunca espera que algo assim vá acontecer e não tem como você se preparar para uma situação como essa. Ao vivo é isso, já aconteceram várias coisas cômicas, mas algo assim nunca imaginei que fosse acontecer. (...) eu fiquei em choque, e foi questão de segundos. Eu pensava ‘você chegou até aqui, continua’. Eu continuei dando informações, mas olhei em volta, e tinha um menino de 10 anos rindo muito da situação, e só tinha homem à minha

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida à autora por chamada de vídeo. Rio de Janeiro. 16 de maio de 2023.

<sup>73</sup> Entrevista concedida à autora por chamada de vídeo. Rio de Janeiro. 16 de maio de 2023.

volta, eu já não sabia mais o que tinha sido. Eu me senti muito oprimida e impotente. Quando eu saí dali, eu desabei. Minha primeira vontade era que nunca ninguém visse esse vídeo, mas depois eu parei para pensar, e aquilo estava me incomodando tanto, que eu não queria que ninguém achasse que isso era uma brincadeira ou algo normal. Fiz questão de desabafar nas minhas redes sociais, mas eu nunca esperava a repercussão que deu, porque até então outras situações assim tinham acontecido e as pessoas levaram na brincadeira. Eu queria mostrar como uma mulher se sente em uma situação assim e como isso é algo inaceitável. (DEALTRY, 2023)<sup>74</sup>

O desabafo da jornalista em sua conta no Instagram gerou inúmeras interações com o público, em sua grande maioria positivas. Ao todo, foram aproximadamente 35 mil curtidas e 5 mil comentários.<sup>75</sup> Além disso, a diretoria do Vasco lançou uma nota oficial de repúdio ao acontecido.

---

<sup>74</sup> Entrevista concedida à autora por chamada de vídeo. Rio de Janeiro. 16 de maio de 2023.

<sup>75</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/libertadores/jornalista-e-assediada-por-torcedor-do-vasco-clube-toma-ra-providencias,85de139e582d0037fee0ce37856e2f5eav2nth0e.html>> Acesso em: 21 de maio de 2024.

**Figura 4: Desabafo de Bruna Dealtry**

 **brunadealtry**   
68.9K seguidores [Ver perfil](#)



[Ver mais no Instagram](#)

34.677 curtidas

**brunadealtry**

Sempre fui uma repórter que adora uma festa de torcida. Não me importo com banho de cerveja, torcedor pulando, pisando no meu pé... sempre me deixo levar pela emoção e tento sentir o momento para fazer o meu trabalho da melhor maneira possível. Sempre me orgulhei por ter uma boa relação com todas as torcidas e por ser tratada com muito respeito!! Mas ontem, senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando pelas ruas. Um beijo na boca, sem a minha permissão, enquanto eu exercia a minha profissão, que me deixou sem saber como agir e sem entender como alguém pode se sentir no direito de agir assim. Com certeza o rapaz não sabe o quanto eu ralei para estar ali. O quanto eu estudei e me esforcei para ter o prazer de poder contar histórias incríveis e estar em frente às câmeras mostrando tudo ao vivo. Faculdade, cursos, muitos finais de semana perdidos, muitos jogos de futebol analisados, estudo tático, técnico, pesquisas etc. Mas pelo simples fato de ser uma mulher no meio de uma torcida, nada disso teve valor para ele. Se achou no direito de fazer o que fez. Hoje, me sinto ainda mais triste pelo que aconteceu comigo e pelo que acontece diariamente com muitas mulheres, mas sigo em frente como fiz ao vivo. Com a certeza que de cabeça erguida vamos conquistar o respeito que merecemos e que o cidadão que quis aparecer é quem deve se envergonhar do que fez. Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada.

[Ver todos os 4.654 comentários](#)

Fonte: Veja SP, 14 mar. 2018<sup>76</sup>

**Figura 5: Comentários na postagem de Bruna Dealtry**



Fonte: Terra, 14 mar. 2018<sup>77</sup>

**Figura 6: Nota de repúdio do Vasco da Gama**



Fonte: Terra, 14 mar. 2018<sup>78</sup>

<sup>77</sup>

Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/libertadores/jornalista-e-assediada-por-torcedor-do-vasco-clube-toma-ra-providencias,85de139e582d0037fee0ce37856e2f5eav2nth0e.html> Acesso em 21 de maio de 2024.

<sup>78</sup>

Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/libertadores/jornalista-e-assediada-por-torcedor-do-vasco-clube-toma-ra-providencias,85de139e582d0037fee0ce37856e2f5eav2nth0e.html> Acesso em 21 de maio de 2024.

Bruna ainda contou que recebeu muito apoio depois desse caso e que acredita que as coisas estejam caminhando para um cenário mais respeitoso e igualitário, apesar dessas situações ainda serem bastante presentes. Para ela, a virada de chave foi quando as mulheres pararam de sofrer caladas por medo de causar incômodo e começaram a expor esses absurdos. Apesar de tudo, o futuro parece otimista.

Minha perspectiva para o futuro é otimista, a gente já percorreu tanto. Já mudou muito. Sempre vou achar que vai ser cada vez melhor e que seja cada vez mais rápido. Mas só o fato de a gente ter voz para falar sobre esse assunto já acelera muito as coisas. [...] A gente já ganhou muito mais espaço, respaldo das emissoras, empresas, jornalistas, parceiros, colegas, mas o caminho ainda é longo. (DEALTRY, 2023)

A torcida e o esforço para que esse futuro se concretize o quanto antes são gigantescos.

## 5. Considerações finais

Que o esporte arrasta multidões, não existem dúvidas. Quem nunca vibrou ou sentiu o coração acelerar assistindo a uma partida, de qualquer que seja a modalidade? Talvez esse mundo fascinante explique à vontade não só minha, mas de muitos, de trabalharem com o jornalismo esportivo. E esse “muitos” inclui inúmeras mulheres.

Como pudemos perceber a partir desse estudo, o sonho de trabalhar nesse meio para o gênero feminino sempre foi e ainda é uma trajetória com muitas pedras no caminho. Em uma sociedade baseada em estereótipos, onde se espera que homens e mulheres vivam dentro de padrões estipulados para eles, as limitações imperam. Mulheres cuidam dos filhos e da casa. Homens trabalham e sustentam a família. Essas foram as regras por muito tempo. Para as mulheres, então, poderem trabalhar com esporte, duas barreiras precisaram ser (e continuam sendo) quebradas: entrar no mercado de trabalho e atuar em um meio “de homens”.

Dessa forma, o intuito desta pesquisa foi reafirmar toda a luta construída pelas mulheres ao longo dos anos na busca da conquista de direitos básicos de um indivíduo. No anseio de poder votar, trabalhar, praticar a atividade que quiser, ou simplesmente ser respeitada. Na esperança de poder participar da sociedade civil de forma plena. A conhecida “luta feminista”, que traz à tona pautas como as citadas acima, é essencial para que possamos ver os inegáveis avanços que hoje ocorrem. Agora, é possível ser ouvida, reconhecida e fazer parte de lugares antes considerados impossíveis para as mulheres. Contamos com repórteres, comentaristas e narradoras representando o gênero feminino.

Entretanto, também é de conhecimento geral que ainda ocorrem incontáveis exemplos de preconceitos com as profissionais que atuam no meio. O espaço para elas ainda é bastante restrito, e aquelas que conseguem se fazer presentes relatam situações frequentes de discriminações e assédios, sejam físicos ou morais. Por isso, o foco deste trabalho está muito além de mostrar as mudanças positivas que já ocorreram, mas escancarar o fato de que ainda é muito pouco. Todo o processo de inserção das mulheres em profissões que trabalham com esportes é bastante incipiente. Poderíamos contar com uma presença feminina muito maior nesse ambiente, agregando com suas opiniões e seus conhecimentos, até porque elas são muito mais que um corpo bonito.

Torna-se claro, portanto, que os pontos que cercam as questões de gênero, o machismo estrutural e a luta feminista se estendem para além do que seria possível abordar no presente estudo. Para que essa importante temática siga se perpetuando, duas propostas são interessantes para projetos futuros. A primeira envolve expor o papel da mídia em todo o

processo da inclusão feminina em meios masculinos. Com toda sua força e influência, a mesma poderia contribuir para uma evolução mais rápida desse cenário. A falta de representatividade das mulheres nos meios de comunicação propaga uma exclusão velada, ao não proporcionar a mesma visibilidade que é dada aos homens. Além disso, também seria interessante abordar como o machismo no esporte atinge não só as mulheres. Muitos homens também sofrem com preconceito ao não gostarem de modalidades consideradas “masculinas”, como o futebol. O mesmo acontece se preferem praticar atividades associadas diretamente às mulheres, como a dança, por exemplo.

A importância de trazermos esse cenário à tona está no fato de que, na verdade, essa é uma tentativa de conscientizar a todos sobre casos concretos que demonstram o machismo estrutural enraizado em nossa sociedade. É uma maneira de lembrar, para que não se repita. E, certamente, o objetivo maior é trazer força para o indispensável movimento feminista, não só no âmbito do esporte (nesse caso especificando as jornalistas), mas incluindo todas as outras lutas das mulheres.

## 6. Referências bibliográficas

- ABRAMO, Laís. **Desigualdades entre gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro**. Cienc. Cult. vol.58 Nº 4. São Paulo, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BAGATINI, Olga. **As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo**. Think Olga. São Paulo, 18 set. 2018.
- BALTAR, P.; LEONE, E. T. **A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v.25, n.2, p. 233-249, jul/dez. 2008.
- BARBOSA, Ana. **Participação Feminina no Mercado de Trabalho Brasileiro**. IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, vol. 57, p. 31-42, 2014.
- BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro**. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, out. 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo vol. 1: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**, Tradução Maria Helena KUHNER. 5 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BRUSCHINI, Cristina. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Estudos feministas, UFSC, p. 179-199, 1994.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. **Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de prestígio**. Revista Estudos Feministas, 0, 9. 1999.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Contexto, 2013.
- D' ALONSO, Glaucia de Lima. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias**. Psicol Am Lat. México. N.15, dez. 2008.
- DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.
- FERREIRA, Antonio Oneildo. **Combate à cultura do estupro vai além de punições penais**. 2016.
- FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho?": Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- LANGTON, Rae. **Feminism In Philosophy**. In: JACKSON, Frank; SMITH, Michael (Org.). The Oxford Handbook of Contemporary Philosophy. Nova Iorque, EUA: Oxford University Press, 2005. p. 231-257.
- LOMBARDI, Maria Rosa. **Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à Feminização**. Cadernos de Pesquisa, v.47, n.163 p.10 - 14 jan./mar. 2017.

MACKINNON, Catharine A. **Feminismo, Marxismo, Método e o Estado: Uma agenda Para Teoria.** Revista Direito & Práxis, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 798 - 837, 2016.

MADALOZZO, R.; ARTES, R. **Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres.** Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 163, p. 202-221, 2017.

MARQUES-SAMYN, Henrique. **Slut shaming, objetificação e legitimação do estupro.** Blogueiras Feministas, 2012.

MELO, V. A. **Mulheres em Movimento: a Presença Feminina nos Primórdios do Esporte na Cidade do Rio de Janeiro (até 1910).** In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nr. 54, p. 127-152, 2007.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físicas desportivas: da segregação à democratização.** Revista Movimento, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 7. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017. Tradução Denise Bottmann.

PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: SENAC, 2000.

RIGHI, Anelise Farenzena. **As donas da bola – inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo.** Santa Maria, 2006.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da, SANTOS, Luciana Mateus, TEIXEIRA, Luciane Alves et al. **A mulher e sua posição na sociedade -da antiguidade aos dias atuais-.** Rev. SBPH. vol.8, n.2, p.65-76, dez. 2005.

SILVA, M. T. da. **A engenheira — um estudo empírico da divisão sexual do trabalho.** São Paulo: EAESP/FGV. 1992.

SODRÉ, Muniz. **"Por um conceito de minoria"**. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (organizadores). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.